



CADERNOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO

VOLUME 3



Este volume 3 dos Cadernos ilustra um pouco o percurso que construímos juntos com os sujeitos de cada uma das escolas da rede pública municipal de educação de Oriximiná/PA aqui incluídas e tem como temática um processo continuado e aberto de formação de professores pesquisadores ou o que temos denominado "Etnoeducação". Cada um dos capítulos deste livro ilustra um pouco o percurso de pesquisa e aprendizado sobre práticas e saberes locais. As temáticas geradoras das pesquisas foram escolhidas de forma coletiva pelos membros das comunidades envolvidas. Apresentamos, neste volume, mais uma mostra de um processo de construção coletiva de grupos sujeitos e protagonistas de sua história.



CADERNOS DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA
O PATRIMÔNIO

VOLUME 3

Adriana Russi

Johnny Alvarez

Sonia Maciel (orgs.)

Programa de Extensão “Educação Patrimonial em Oriximiná”

www.patrimoniocultural.uff.br

proeduc.orixi.uff@gmail.com



Catlogação na fonte. UFF / NDC / Biblioteca de Rio das Ostras - UFF

C122 Cadernos de cultura e educação para o patrimônio
Russi, Adriana; Alvarez, Johnny; Maciel, Sonia (orgs.)

Niterói, RJ : s. N., 2014.

v.3 (il., algumas color.)

ISBN: 978-85-98853-23-9

1. Patrimônio cultural. 2. Oriximiná (PA). 3. Etnoeducação.
I. Russi, Adriana (org.). II. Alvarez, Johnny (org.). III. Maciel, Sonia (org.)

CDD 306.98115

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Dilma Rousseff

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Alosio Mercadante

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor
Roberto de Souza Salles

Pró-reitor de Extensão
Wainer da Silveira e Silva

Coordenador de Integração Acadêmica
Otilio Machado Pereira Bastos

Diretores da Unidade Avançada José Veríssimo
Elmira Guerreiro e Carlos Augusto Bêta

Diretor do Instituto de Artes e Humanidades do campus de Rio das Ostras
Ramiro Marcos Dulcich Piccolo

Chefe do Departamento de Artes e Estudos Culturais
Daniel Pecego Caetano

Equipe:

Adolfo de Oliveira
Adriana Russi
Alda Helena
Arlanza Martins
Daniel Nascimento
Gilmar Rocha
Henrique Giovanine
João Felipe Lobato
Johnny Alvarez
Juliano Tavares
Larissa Silva
Luisa Côrtes
Luiza Ribeiro
Marcela Endreffy

Mariana Paladino
Marina de Souza
Mônica Roza
Paloma Vieira
PedroAntonellini
Priscila Dias
Rejane Moreira
Rodrigo Duarte
Samara Costa
Sávio Gomes
Sonia Maciel
Terezinha Sampaio
Thatyara Freitas
Wayson Maturana

Revisão: Adriana Russi, Mariana Paladino e Sonia Maciel

Diagramação: Sonia Maciel

SUMÁRIO

Apresentação	6
Secretaria Municipal de Educação de Oriximiná	8
Introdução às Experiências de Campo	10

PARTE 1 – SABERES E FAZERES

Cap. 1. E. M. E. F. N. S. DE FÁTIMA - Comunidade Bacabal Produção da Farinha	27
Cap. 2. E. M. E. F. N. S. DO PERPÉTUO SOCORRO - Comunidade Moura Manejo do Barro	31
Cap. 3. E. M. E. F. I. MAPUERA - Aldeia Mapuera Artesanato e Plantas Medicinais	36
Cap. 4. E. M. E. F. I. SANTIDADE - Aldeia Santidade Artesanato	40
Cap. 5. E. M. E. F. SÃO JOÃO - Comunidade Varre Vento - Arancuã do Meio Caisuma	45

PARTE 2 – CELEBRAÇÕES E MEMÓRIA

Cap. 6. E. M. E. I. E. F. N. S. APARECIDA - Comunidade Boa Vista Cuminã Festa da Ramada	50
Cap. 7. E. M. E. F. SÃO DOMINGOS SÁVIO - Comunidade Itapecuru Conhecendo a escola	54
Cap. 8. E. M. E. F. SÃO FRANCISCO - Comunidade Araçá História dos Castanheiros	60
Cap. 9. E. M. E. F. SÃO FRANCISCO DO CANINDÉ - Comunidade Jarauacá Minha comunidade, um pouco de mim	65
Cap. 10. E. M. E. I. E. F. SÃO SEBASTIÃO - Comunidade Tabocal Memorial da Estrada do Bec	69
Pra Continuar... ..	72

REALIZAÇÃO



PARCERIAS



FINANCIAMENTO



APRESENTAÇÃO

Desde 2008 o Programa Educação Patrimonial em Oriximiná vem construindo parcerias interinstitucionais para uma ação continuada de formação de professores/pesquisadores na área da etnoeducação . Constituída por docentes e discentes da Universidade Federal Fluminense de diferentes áreas, a equipe deste programa de extensão universitária coloca em prática uma ação transversal cujos princípios e valores se pautam no protagonismo, na inclusão de todos os sujeitos e na co-responsabilidade.

De lá pra cá realizamos, em parceria com a SEMED de Oriximiná e outras instituições, uma série de encontros formadores entre a equipe do Programa, docentes e diretores desse município , através de oficinas e workshops. Entre 2010 a 2011 nos voltamos para a realização de uma pesquisa sobre o artesanato local, o Inventário do Artesanato Tradicional, cuja abordagem metodológica da etnografia muito tem nos inspirado. Nesta experiência mais do que identificar comunidades e praticantes de saberes tradicionais, estreitamos laços com diferentes atores sociais nas muitas e diferentes localidades deste imenso município que é Oriximiná.

A partir de 2012 iniciamos um trabalho mais intenso de formação de professores/pesquisadores e acompanhamos sistematicamente projetos de estudo/pesquisa desenvolvidos por professores, alunos e comunitários sobre o patrimônio cultural desenvolvidos em seis escolas. Naquela ocasião participaram desta primeira experiência de etnoeducação as seguintes comunidades: na zona urbana a escola Santa Maria Goretti, na área ribeirinha a comunidade da Macedônia, na área quilombola a escola São Francisco, na área indígena as escolas Mapuera e Santidade e na região do planalto a escola Nova Betel. Acerca disso, entre outros produtos, escrevemos juntos, professores e alunos da UFF e professores e alunos das escolas o Cadernos de Cultura e Educação para o Patrimônio, volume 2 (Russi; Alvarez; Maciel, 2012).

Novos e intrigantes desafios se colocaram em nossa prática de formação de formadores para o ano de 2013. Este volume 3 dos Cadernos ilustra um pouco o percurso que construímos juntos com os sujeitos de cada uma das escolas aqui incluídas: as indígenas Santidade e Mapuera, as quilombolas Moura, São Francisco Canindé, Araçá, Boa Vista Cuminã, Bacabal e Varre Vento, a ribeirinha do Itapecuru e a da região do planalto, a comunidade do Tabocal. Cada um dos capítulos deste livro ilustra um pouco o percurso de pesquisa e aprendizado sobre práticas e saberes locais. As temáticas geradoras das pesquisas foram escolhidas de forma coletiva pelos membros das comunidades anteriormente citadas .

Para que pudéssemos acompanhar cada uma destas experiências nossa equipe se subdividiu em pequenos grupos. Neste sentido, visitamos quase todas as escolas e convivemos por alguns dias no cotidiano escolar e comunitário. Nossos olhares sobre estas visitas a campo foram traduzidos em pequenos textos que integram a Introdução às experiências de campo.



As investigações levadas adiante por professores, alunos e membros destas comunidades escolares foram aqui organizadas em duas sessões: a primeira dedicada aos saberes e fazeres e a segunda dedicada às celebrações e memória. A sessão dos saberes e fazeres contempla pesquisas sobre as práticas cotidianas condensadas em diferentes técnicas como as artesanais, a produção de alimentos e bebidas e a preparação de medicamentos com plantas. Já na segunda sessão voltada às celebrações e memória são relatadas histórias e festividades numa perspectiva sócio-histórica.

Assim, este volume 3 dos Cadernos é polifônico, quer em seu conteúdo, quer em sua forma. Aqui são apresentados textos escritos a muitas mãos e é neste ambiente narrativo, múltiplo e diverso, que convidamos você leitor a desfrutar a diversidade e as singularidades de Oriximiná, de suas gentes e comunidades escolares.

Seguimos nosso percurso experimental com professores e alunos de Oriximiná novamente em 2014. Mas esta é uma outra história que em breve vamos compartilhar com você.

Boa Leitura!

Adriana Russi e Johnny Alvarez

Coordenadores do Programa Educação Patrimonial em Oriximiná

“ETNOEDUCAÇÃO... é um manejo da educação utilizando aspectos do método etnográfico, como a auteridade, a polifonia dos discursos, o mergulho na experiência e a coemergência. Os saberes locais possibilitam outra forma de se fazer o processo de ensino-aprendizagem. Apostamos que quando a escola, através de pesquisas inspiradas pela etnografia, consegue compartilhar modos de “saber fazer” cotidianos, ela pode criar uma relação mais autônoma e ativa dos sujeitos envolvidos: educadores, alunos e comunidade”

Conceito sobre Etnoeducação construído coletivamente a partir dos estudos realizados durante as reuniões do grupo de estudos em Etnoeducação

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ORIXIMINÁ

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: a valorização cultural de um povo

Desde o ano de 2008 a Secretaria Municipal de Educação tornou-se parceira do Projeto Educação Patrimonial voltado à formação continuada de professores com o objetivo de desenvolver ações na área de preservação do nosso Patrimônio Cultural.

Em Oriximiná, o projeto teve uma receptividade muito grande. No início foi desenvolvido com os remanescentes de quilombos. Mas, a partir do ano de 2011 passou a despertar o interesse dos professores tanto da Zona Rural quanto da Zona Urbana; bem como de docentes que atuam na Zona do Planalto, ribeirinhos, quilombolas e indígenas. Esse projeto se tornou tão importante que ganhou mais parceiros como a Secretaria de Cultura, Desporto e Lazer e Instituições não governamentais como a APIM (Associação de Povos Indígenas do Mapuera), ARQMO (Associação Remanescentes de Quilombolas de Oriximiná) e a AMOCREQ (Associação de Moradores Remanescentes de Quilombolas).

A extensão do Projeto conta, ainda, com o apoio e parceria da Prefeitura Municipal de Oriximiná e Unidade Avançada José Veríssimo - UFF. E, como agentes locais têm como tutores/mediadores, profissionais da SEMED (Secretaria Municipal de Educação) e SECULT (Secretaria de Cultura de Oriximiná). Nas Comunidades, professores idealizam o trabalho escolhendo um tema considerado como Patrimônio, dentre eles podemos citar: o castanheiro, a produção da farinha, a história da Comunidade (origem), a Lenda do Boto, o fornalha, a Lenda da Cobra Grande, artesanato e outros.

Desta maneira, a comunidade articula os saberes tradicionais e locais com os conhecimentos dos Currículos e das Diretrizes Educacionais destinadas às Escolas. Trata-se, portanto, de um projeto que valoriza a cultura nos mais diferentes aspectos.

O Projeto conta com os departamentos de Artes e de Estudos Culturais (IHS/PURO) e de Psicologia (ICHF/Niterói), e consiste na capacitação de formadores de modo a articular o processo de ensino-aprendizado a desenvolver um novo olhar para a educação, com temáticas que valorizam a etnoeducação, haja vista que o patrimônio e a cultura são trabalhados como produtos sociais.

Na contemporaneidade, as memórias dos povos tem sido objeto das mais variadas formas de expressão no que se refere à sua existência. Vários são os setores que as evidenciam. Decerto por reconhecerem-nas como objetos de estudo que produzem cultura e saberes.

Contudo, em uma região como a nossa, distante dos grandes centros culturais, muitas das experiências se perdem ou ficam guardadas, apenas, nas memórias do povo. Os estudos realizados na Região Norte centram-se principalmente em linhas de pesquisa que abordam o Currículo, as Políticas Educacionais e financeiras, as avaliações externas e a Formação de Professores. Nesse processo de estudo pouco se tem de produções acerca dos saberes culturais no que concerne às memórias individuais ou coletivas, salvo exceção, a Universidade do Estado do Pará/UEPa, que mantém uma linha de pesquisa com essa temática.

Vivemos a era das grandes reflexões epistemológicas. De acordo com Morin (2000)¹: “devemos civilizar nossas teorias, desenvolvendo nova geração de teorias abertas, racionais, críticas reflexivas, autocríticas, aptas a se auto-reformar” (p.33). Nesse aspecto, sentimos necessidade de reorganizar o que está posto, desvelar os discursos, quebrar paradigmas, mudar nossa maneira de ver o mundo. Precisamos caminhar para uma educação que valorize as diferenças culturais, que instaure a convivência com todos, mutuamente.

A Secretaria Municipal de Educação percebe a relevância do Projeto, agradece e parabeniza o esforço e o excelente trabalho de todos os envolvidos.

Profa. Hilda Maria Viana da Silva

Secretária Municipal de Educação de Oriximiná-PA

¹ MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

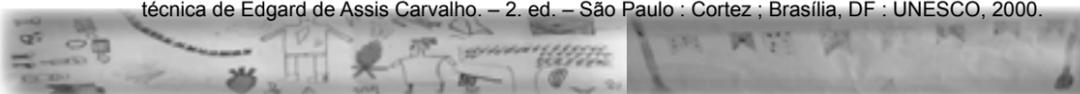
INTRODUÇÃO ÀS EXPERIÊNCIAS DE CAMPO

Acabávamos de chegar à Oriximiná para mais uma experiência de campo nas comunidades espalhadas pelo extenso município paraense. Seria o primeiro campo do ano (2013) e nos dividiríamos em duplas para visitarmos cerca de 20 escolas. Dezessete pessoas, (com diversas formações e idades) entre alunos, professores universitários e do município, compunham o grupo. A equipe dispunha de conhecimentos múltiplos sobre o projeto e estava junta, pensando-executando a formação das duplas que iriam visitar as escolas do baixo, médio e alto Trombetas. Como a maioria dos integrantes estava indo a Oriximiná pela primeira vez e, quase todos, com exceção de 5 integrantes, fariam o primeiro campo do projeto, experimentamos uma sensação de insegurança e ao mesmo tempo de forte engajamento afetivo. O desafio da aventura pode forjar de modo bruto o engajamento que, muitas vezes, os ambientes previamente organizados acabam não propiciando. Duplas heterogêneas iam se formando no calor dos sentimentos.

No dia da saída, acordamos pela manhã bem cedo na Unidade Avançada José Veríssimo, da UFF, em Oriximiná e após um rápido lanche terminamos a arrumação das bagagens. Três barcos nos esperavam. O primeiro barco, traineira robusta, larga e com vários ganchos de rede, cozinha, banheiro, mesa e um grande porão, iria levar o grupo do alto Trombetas, viagem mais longa em direção às regiões de reserva ambiental e indígena. Tal grupo ainda precisava resolver um problema: o visto do IBAMA, de entrada na reserva ambiental, ainda não havia sido liberado o que poderia forçar uma mudança de roteiro. A equipe teria que passar no Porto Trombetas para pegar, pessoalmente, a autorização no escritório do IBAMA. Depois de alguns telefonemas, descobrimos que estávamos em pleno feriado da ressaca do Círio de Santo Antônio e que o posto só abriria no dia seguinte. Ao invés de ir direto para Cachoeira Porteira a equipe teria que dormir no porto Trombetas e, na manhã seguinte, esperar o escritório do IBAMA abrir para, de posse da autorização, seguir viagem. Segredos de Oriximiná, a cidade instituiu um feriado no primeiro dia depois do último dia de festa. Depois de pensar um pouco, associamos a quarta-feira de cinzas à ressaca do Círio e compreendemos este estranho feriado. Duas semanas ininterruptas de festa faziam por merecer um dia de feriado-ressaca. Era simples e compreensivo, pois com o feriado-ressaca os professores das escolas do interior subiam também o rio e podiam, assim, reiniciar o segundo semestre do ano.

O segundo barco, traineira um pouco menor, levaria cerca de sete integrantes do grupo ao afluente esquerdo do Trombetas - o rio Erepecuru - rumo às escolas das comunidades quilombolas. A terceira embarcação, pequena lancha com motor de polpa, levaria dois integrantes às comunidades ribeirinhas do lago Sapucú e Itapecurú.

No calor das preparações, pudemos coletivamente perceber o quão uma formação integrada não separa prática, pes-



quisa e ação da vida. Tivemos ali a certeza de que estamos formando etnoeducadores, mas principalmente cidadãos vivos e sensíveis, que se apresentam nos olhos que brilham, nas expressões de autonomias e se constituem num exercício coletivo e plural. Seguem-se agora relatos da experiência de cada grupo, professores e alunos, que participaram desta etapa do Programa de Educação Patrimonial em Oriximiná-PA.

Johnny Alvarez

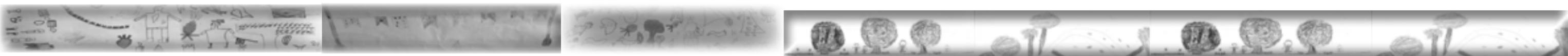
COMUNIDADES VARRE VENTO (ARACUÃ DO MEIO) E BACABAL

A viagem à Oriximiná começou dois dias antes da saída de Rio das Ostras, a ansiedade de embarcar rumo ao desconhecido se apresentava nas antecedentes noites insones. Ao sair do aeroporto de Manaus, a primeira cidade já em outro Estado, o clima quente escaldante, o trânsito desgovernado e os novos sotaques que ressoavam evidenciavam que a experiência de campo já se dava no plano dos acontecimentos. Nosso grupo embora tenha se formado alguns meses antes, parecia estar vivenciando um encontro bastante diferente. Ao nos disponibilizarmos intensamente uns aos outros no compartilhamento dessa experiência tão nova para todos, nossas semelhanças iam ganhando espaço e tecendo laços. Passada a primeira noite em Manaus, agora equipados com nossas redes e há quase trinta horas flutuando em três andares de barco, estávamos prontos para chegar onde a imaginação já havia cansado de supor.

O porto é a chegada e a partida de todos. Nosso barco e outros tantos ancoravam ou se despediam de Oriximiná. A cidade estava em clima de festa, o Círio de Santo Antônio estava nos seus últimos dias, a praça enfeitada e alegre convidava à vivência dessa importante celebração. Após a recepção dos amigos que já se encontravam na Unidade da UFF e de dois dias de preparativos finais para a ida às comunidades espalhadas ao longo do Rio Trombetas é chegada a hora de mais um embarque. Agora tínhamos olhos arregalados, sorrisos nos lábios, incertezas no coração e muita vontade de viver os encontros que estavam por vir.

A experiência de campo em Oriximiná é reveladora para além da ampliação da nossa visão de campo profissional e da confirmação de que teoria, prática, vivência e afeto se atravessam na constituição de um trabalho etnográfico. A experiência de campo em Oriximiná nos coloca em contato com a possibilidade de sermos afetados pelo Trombetas e suas facetas, por suas canoas profissionalmente pilotada por crianças, pelos macacos que descem a floresta para se hidratar na beira do rio no final da madrugada produzindo um som espantoso aos ouvidos novatos. A experiência de campo no imenso município do Pará possibilita o encontro com outras formas de estar no mundo. Há alguns quilômetros da cidade os únicos veículos que circulam são aquáticos. O plantio, a pesca e a caça do alimento que compõe as refeições são diários e coletivos. As águas do banheiro e da cozinha vêm em baldes diretamente da beira do rio. A luz do sol vai se apagando e então a maior responsável por iluminar os caminhos é a lua. Dentre todos os encontros aos quais somos lançados e seus desdobramentos, talvez o que torne essa experiência intensa e potente seja o provável encontro com o diferente em nós mesmos, com as semelhanças aos que vivem na beira do Trombetas e o processo de construção de uma relação criativa, de uma língua e um espaço comuns na diferença.

João Felipe Lobato e Paloma Vieira Silva



COMUNIDADES LAGO DO MOURA E FLEXAL

Participar do Projeto Etnoeducação e Patrimônio foi uma experiência acima de tudo inovadora. A integração com a equipe do Projeto vinda de Rio das Ostras iniciada dias antes da partida para campo, a metodologia do projeto em si, que mesmo sendo dinâmica e construída coletivamente desperta uma certa ansiedade acerca das novas descobertas e das expectativas individuais e coletivas, enfim, uma série de questões de ordem emocional e profissional tomava conta de todos.

A alegria de poder viver uma nova experiência, ainda que numa região supostamente conhecida, um olhar diferente para realidades comuns aos nossos cotidianos, o reencontro com professores que em momentos anteriores estiveram conosco como alunos e trocar com eles conhecimentos relevantes sobre a vida na Comunidade do Moura e do Flexal, construir novos saberes com crianças e comunitários foi ímpar. Passamos dias numa ilha, no Moura, onde existem a escola, o alojamento dos professores e a casa de uma moradora. Trata-se de uma comunidade grande, como muitas outras na região. Uma comunidade rica em artesanato principalmente de argila, com muitas histórias, músicas e danças. A vontade de participar, a curiosidade das crianças e o empenho dos professores envolvidos se sobrepôs a algumas dificuldades que se colocam no dia a dia.

Na Comunidade do Flexal, encontramos outra realidade. Na escola percebemos uma grande participação das crianças, todos querendo falar, perguntar e contar suas experiências e conhecimentos sobre as narrativas, um dos pontos fortes da cultura local. Contudo, por motivos diversos e alheios à vontade de todos não conseguimos concluir a participação desta comunidade no projeto. Depois de uma semana enriquecedora, retornamos a Oriximiná e mais uma vez nossa ansiedade era enorme, todos queríamos compartilhar nossas experiências e avaliar todo o processo do trabalho, sugerindo ações que possam garantir a participação das escolas e fortalecer nossas próprias ações no futuro.

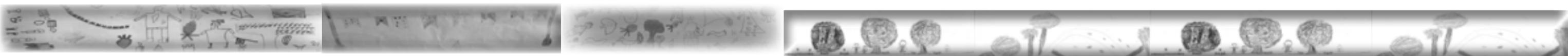
Alda Helena Carvalho e Wayson Maturana

ALDEIA MAPUERA

Em quantas palavras caberiam cada momento de descoberta e aprendizado vividos durante a imersão na Aldeia Mapuera Wai-Wai? É difícil saber, sentimo-nos afetados a cada segundo, mesmo tendo se passado algum tempo, pela gentileza de cada um que se propôs a dividir um pouco da sua vida, da sua casa, do seu alimento, do seu trabalho e lazer. A distância e os três dias navegando pelos rios Trombetas e Mapuera tornaram a chegada ainda mais especial, sob a luz da lua. Pouco se via, muito se sentia e fomos recebidos de maneira muito carinhosa pelos professores e demais profissionais da educação que, no alojamento, viviam durante o período letivo. Em pouco tempo, já estávamos sentados em roda, homens de um lado, mulheres do outro. Com o professor Cleber e Celys, que também trabalhava na escola, a conversa era sobre o longo trajeto de barco até a Aldeia e outras questões em relação às condições e estrutura de trabalho e moradia e sobre as diferenças e impactos culturais presentes no dia-a-dia na Aldeia, como indivíduo e profissional da educação “não índio” em território indígena, aspectos de grande relevância ao se pensar num processo de ensino-aprendizagem, acreditando na diferença não como exclusão ou empecilho, mas sim como mais um elemento que virá enriquecer esse processo.

Na roda de mulheres a conversa tomava um outro rumo – as novidades que aconteceram depois dos campos anteriores e as expectativas deste novo trabalho. Devido ao pouco tempo disponível para a vivência e outros elementos ligados ao cronograma escolar, praticamos menos do que gostaríamos o espaço físico da escola, deixando por conta de momentos mais cotidianos, como, a hora da refeição ou uma simples caminhada pela Aldeia, responsáveis pelas trocas de experiências. Conversamos bastante com o professor Cleber sobre a visão de cada um sobre os processos de ensino e suas várias nuances: metodologia, conteúdo e o funcionamento do próprio sistema educacional, no que diz respeito à sua organização e forma de atuação. Talvez, por alguma motivação pessoal, acabamos focando mais em procurar saber “como” e menos “o que” o Cleber desenvolvia quando se apropriava dos referenciais propostos pelo Programa, seu entendimento do projeto como um instrumento, um meio para tocar os alunos e acessar o conhecimento, além da sua formação pessoal (como profissional e indivíduo), não como algo que começa e termina em si mesmo. A relevância se daria no momento em que há reflexão, em que se desperta a vontade de conhecer, seja no aluno ou no educador e que aquele encontro (o momento de ensinar-aprender) marcará e se dará não só naquele instante, naquele dado espaço, “institucionalizado” para o saber, são marcas que formarão o indivíduo e serão levadas para toda sua vida.

Enquanto isso, buscávamos uma aproximação maior com os profissionais da escola e procurava informações mais concretas sobre o desenrolar do projeto que estava sendo desenvolvido.



Acreditamos que o que denominamos por Educação Patrimonial esteja muito mais presente no dia-a-dia dos indígenas fora do espaço físico da escola, na relação entre os jovens e os mais antigos, pais e filho, tios e sobrinhos. Tendo o Programa grande potencial para colaborar na construção de um material didático mais condizente com a realidade destes, servindo de base metodológica em suas diversas fases de concepção. Auxiliando na construção do seu conteúdo, didática e discurso, calcados numa construção coletiva, com participação da comunidade escolar e extraescolar e seus diversos agentes: os mais velhos, professores índios e “não-índios”, alunos e coordenadores.

Não poderíamos esquecer de um ponto de grande relevância para o direcionamento do campo, uma dupla composta de uma veterana, presente no Programa desde o seu início, e um iniciante. Éramos diferentes em vários aspectos, um ponto de referência do projeto, pois, acreditamos que o encontro de diferentes (mentes, discursos e postura) é muito mais enriquecedor ao processo. Mesmo acreditando em tal fundamento, inicialmente, a experiência tenha soado um tanto frustrante, o que mudou e muda mais a cada dia, pois, entendemos a frustração como sendo fruto de um posicionamento de imposição ideológica de uma parte. Éramos complementares, nos sentíamos confortáveis para nos relacionar com o campo, cada um à sua maneira, sem grandes preocupações, tendo a certeza de que qualquer distração de um em relação a algum aspecto de importância ao Programa seria complementado pelo outro.

Rodrigo Duarte e Sonia Maciel

ALDEIA WARAHATXA YOWKURU (SANTIDADE)

Em 2010, em decorrência de nosso Programa de Extensão, tive contato com os Kaxuyana moradores da aldeia WarahatxaYowkuru, conhecida em português como aldeia Santidade. Desde então, tenho tido uma dupla inserção entre eles. Como docente da UFF acompanho os projetos em etnoeducação nesta escola kaxuyana. Como pesquisadora, recentemente defendi uma tese denominada “Tamiriki, pata yotono kwama: a reconstrução de uma casa, a valorização de uma cultura e o protagonismo dos ameríndios Kaxuyana às margens do rio Cachorro, Oriximiná/PA.”(RUSSI, 2014)¹. Nesta pesquisa me dediquei a descrever um pouco o processo de valorização cultural que observo ocorrer entre os Kaxuyana. Isto é importante de se destacar neste texto na medida em que nos permite compreender que os projetos em etnoeducação, desenvolvidos na escola da aldeia Santidade, refletem em certa medida a preocupação dos Kaxuyana de assegurar a transmissão, a seus descendentes, de saberes e fazeres tradicionais. Nosso Programa estimula práticas de ensino-aprendizagem vinculadas à pesquisas sobre os saberes locais os quais, às vezes, denominamos patrimônio cultural local. Como afirmei em minha tese, eles se apropriaram da oportunidade oferecida neste Programa de Extensão para levar adiante um processo de defesa da cultura kaxuyana, em que eles são seus principais protagonistas.

Assim, no ano de 2013 estive por duas ocasiões com os Kaxuyana na aldeia Santidade às margens do rio Cachorro (afluente do rio Trombetas) – uma em junho e outra em agosto, quando fui acompanhada pelo Prof. Adolfo de Oliveira (integrante da equipe de nosso Programa) e uma estudante dinamarquesa, Frederike Fahse. Destaco aqui apenas alguns aspectos desta profícua experiência. Profícua, pois ao mesmo tempo em que sou pesquisadora, me coloco também como aprendiz. Intensa, pois percebo que ao estabelecer um processo dialógico com alguns Kaxuyana, trocamos ideias, experiências sobre processos escolares e mantemos uma relação horizontal construída a cada encontro em campo – não sou nem mais nem menos importante que os Kaxuyana – somos todos sujeitos neste diálogo sobre etnoeducação.

Dessa forma, por algumas noites em junho de 2013, acompanhei as aulas na escola com Mauro Makaho, ele um Kaxuyana, professor e cacique da aldeia. Juntos conversamos com os alunos do segundo segmento do ensino fundamental sobre os projetos que eles poderiam desenvolver naquele ano. Nossas conversas tiveram lugar na grande casa comunal circular, a tamiriki, onde eles na parte da manhã assistem suas aulas. Naquela ocasião falamos sobre procedimentos da pesquisa etnográfica e usei como exemplo minha própria prática na aldeia como pesquisadora – que entrevista, observa, fotografa, filma,

¹ MELLO, Adriana Russi Tavares de. Tamiriki, pata yotono kwama: a reconstrução de uma casa, a valorização de uma cultura e o protagonismo dos ameríndios Kaxuyana às margens do rio Cachorro, Oriximiná/PA. (Tese Doutorado em Memória Social) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. RJ. 2014



escreve, desenha. Enfim, servi como “ilustração” de um processo de alguém interessada em saber mais sobre algumas coisas do cotidiano da vida na aldeia.

Depois destes dias de conversa, e a partir das intervenções de Mauro e de alguns velhos, veio à tona entre os alunos o tema do projeto desenvolvido em 2013 – o artesanato. A escolha do tema decorreu em parte da própria necessidade que vários rapazes e moças tem em aprender as práticas artesanais. Logo eles precisarão ensinar a seus filhos sobre esta e muitas outras práticas cotidianas. Como em anos anteriores, os estudantes se dividiram por gênero – rapazes e moças.

Contudo, em 2013, o percurso para o desenvolvimento das pesquisas em etnoeducação foi quase individual, como veremos no texto do capítulo destinado à esta escola. O que gostaria de salientar foi o protagonismo dos alunos que, supervisionados pelo prof. Mauro, traçaram trajetórias investigativas próprias, algumas delas descritas naquele capítulo deste livro.

Por fim, foi muito interessante retornar em agosto de 2013 e ouvir os relatos dos estudantes Kaxuyana sobre suas pesquisas. Ver seus textos e desenhos, observar os artefatos que produziram ao longo de seus percursos investigativos de aprendizagem condensa um pouco nossa experimentação na metodologia da etnoeducação.

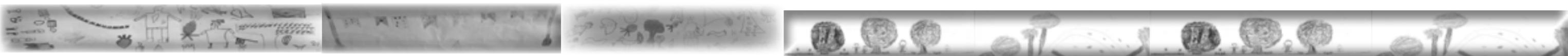
Adriana Russi

VARRE VENTO (ARACUÃ DO MEIO), ARAÇÁ E BOA VISTA CUMINÃ

Um já participava do programa, o outro havia ingressava naquele ano, mas para os dois, aquela foi a primeira ida à campo. Seguindo as divisões de cada dupla, ficamos responsáveis por visitar as comunidades Varre Vento, Araçá de Fora e Boa Vista.

Devido a alguns contratemplos, as atividades da comunidade do Varre Vento foram adiadas para o fim de nossa estadia. Seguimos então para o Araçá de Fora – aqui vale ressaltar que o Araçá de Fora foi a comunidade de referência, porém as comunidades vizinhas: São Joaquim e Pancada, participaram da pesquisa, pois além da proximidade, a escola era frequentada por crianças das três localidades – onde já de início percebemos que a participação da comunidade no ano anterior, havia deixado marcas e um desejo de continuidade. Já durante nossa chegada fomos recebidos por Izanete (diretora da escola) e pelas professoras Edilena e Zulaide, com as quais tivemos uma rápida conversa preliminar sobre resultados do projeto no ano anterior e um panorama da construção do tema e das iniciativas pensadas para ano presente, o que de antemão já nos ajudou a situar as ações que iriam ser desenvolvidas. O tema do trabalho escolhido pela escola foi a história dos castanheiros – profissão exercida por aqueles que recolham as castanhas caídas das castanheiras – atividade que possui uma forte tradição nessa região, repassada de geração em geração. A metodologia escolhida foi entrevista com moradores (idealizada e registrada pelos próprios alunos), visita aos locais de coleta de castanha e encenação teatral do material pesquisado por parte dos alunos. Um dos pontos mais interessantes do trabalho foi a passagem de todos pelo caminho usado pelos castanheiros. Foi clara a conclusão sobre a dificuldade sofrida por estes, o que aproximou a experiência aos relatos dos moradores sobre a importância da necessidade de valorização dessa atividade tão exaustiva e que tanto contribui para a construção das comunidades. Outro ponto a ser destacado foi a inclusão dos alunos mais novos na pesquisa através de atividades feitas em sala, isso porque eles não participariam das pesquisas de campo devido a pouca idade.

Em seguida fomos para a comunidade do Boa Vista Cuminã. Assim que chegamos conversamos com Irene, professora da escola e nossa anfitriã. Percebemos rapidamente que se tratava de uma pessoa extremamente ligada ao trabalho que realiza, com um histórico de engajamento político. Ela nos relata que participou do trabalho no ano anterior na comunidade do Araçá (quando ainda era professora da escola de lá) e por isso resolveu trazer o programa para o Boa Vista, esse apoio já de início dos professores foi extremamente importante para o desenrolar das atividades. O tema escolhido foi a Festa da Ramada – grande festa de caráter colaborativo que reunia todos os moradores da redondeza, celebrado tradicionalmente em um grande “barracão” construído especialmente para a ocasião – a metodologia aqui também foi a entrevista com moradores (também



realizada pelos próprios alunos), atividades em sala com crianças menores e a reprodução em menor escala da festa. Ao contrário da comunidade do Araçá, o tema escolhido era distante da realidade dos alunos, o que só reforçou a curiosidade de todos pelo assunto. Nesta comunidade ressaltamos a extrema coesão de todos moradores, o que acabou por facilitar a execução e entendimento da proposta do programa. Um dos momentos importantes foi nossa participação em grande “puxirum” (mutirão) para o corte do mato ao redor da escola. Mesmo em um dia onde não havia aula obrigatória, todos da comunidade se reuniram para realizar o serviço, desde os mais novos até o mais velhos, demonstrando assim a união da comunidade. Essa ação foi muito representativa, pois mesmo não se tratando de uma atividade ligada a nossa pesquisa, permitiu vislumbrar as relações ali presentes, além de indicar a importância da manutenção da memória da festa da ramada em um local em que a coletividade parece acontecer muito bem.

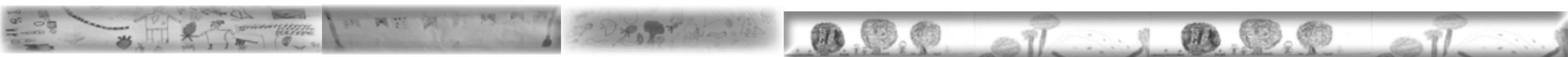
Nossa última parada foi na comunidade do Varre Vento. Como já citado, houveram contratemplos que inviabilizaram o desenvolvimento das atividades, somado ao fato da escola não ter escolhido previamente um tema de pesquisa. Assim, realizamos algumas dinâmicas com os alunos, deixando o convite para uma posterior participação mais estruturada que se concretizou posteriormente.

Priscilla Dias e Sávio Gomes

ITAPECURU

O motor do barco é ligado, Luísa e eu acabamos de entrar para irmos embora depois de quatro dias de convivência na comunidade de Itapecurú para acompanhar os trabalhos na escola São Domingos Sávio situada no centro deste imenso lago. Ao longe, nosso anfitrião Bento, morador e professor-bolsista do programa Mais Educação nesta escola, se despede gritando “quem tem saudade lembra e quem lembra sempre retorna”. Respondemos “que a lembrança seleciona experiências potentes e alegres e que por isso os últimos dias não seriam por nós esquecidos e que sem dúvida retornaríamos”. Mais de longe, sua mulher Zeneide, acena. Minutos antes nos dizia “que não gostava de despedidas, pois se acostumava com as visitas”. Durante nossos dias de convívio Zeneide demonstrou zelo e muito cuidado para nos acomodar e receber. Tal zelo era acompanhado de uma ligeira desconfiança e curiosidade dos nossos objetivos ali. Talvez cansada de visitas que não trariam nada para a comunidade. E como não trouxemos bens materiais e nem propusemos atividades de formação predeterminadas, a desconfiança se acusou. Junto a ela a curiosidade e o interesse do convívio. É a primeira vez que a escola São Domingos Sávio participa do programa. A comunidade do Itapecurú participou ativamente do inventário do artesanato (2008-2011), o que facilita nossa entrada nesta comunidade.

A escola São Domingos Sávio é a escola polo da região. Fica no meio do lago, cercada por várias casas. Assim abriga não apenas os moradores do entorno próximo, mas recebe diariamente alunos de outras comunidades próximas do lago, que chegam todos os dias de barco. Há um barco alugado para a escola que serve de transporte público destes alunos. Participam dos nossos encontros a diretora profª Santanna, profº Elizeu, profª Patrícia e professor-bolsista Bento Ribeiro. Como ficamos hospedados na casa de Bento e da proximidade de sua prática como professor de nossas propostas, este se tornou nosso principal interlocutor nestes dias. Bento é pai de sete filhos dos quais cinco estudam na escola. Bento e Zeneide (sua mulher) acabaram de retornar à comunidade (cerca de 7 anos) para morar nas terras dos parentes de Zeneide. Neste curto tempo de vida comunitária destaca-se a liderança do casal. Zeneide participa da associação de mulheres de Oriximiná, realizando reuniões e atividades com as mulheres do lago (artesanato, costura, e recentemente criação de galinhas com auxílio da Embrapa). Participam ativamente da igreja católica, das reuniões escolares e da associação de moradores. A professora Santanna está voltando de licença médica para a direção. Notamos uma participação maior nesta escola dos professores, pais e alunos. A professora Santanna foi eleita pela comunidade. O professor-bolsista Bento propõe realizar uma atividade com seus alunos de pesquisa da origem da comunidade do lago de Itapecurú e mais especificamente da origem da escola São Domingos Sávio. Os alunos vão sair para entrevistar e conversar com os mais velhos, a respeito das histórias de fundação da comunidade. É



evidente o interesse de marcar a busca pelas origens em relatos dos mais velhos. Necessidade de manter viva na memória dos mais novos as histórias e vivências dos antigos. Os alunos partem para conversas-entrevistas com estes moradores e retornam a escola com textos escritos relatando o que descobriram no encontro. Interessados na inserção destes moradores, muitas vezes analfabetos e mestres do seu tempo, à escola, a partir destes trabalhos, começam a se abrir para este mundo. Bento fica entusiasmado com este movimento e já pensa no futuro trazer estes personagens da vida da comunidade para dentro da escola, tornando-os também “professores”.

Johnny Alvarez e Luisa Côrtes

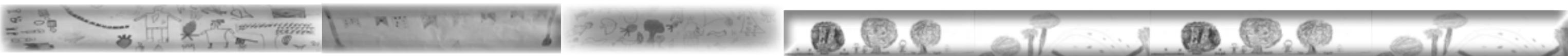
LAGO JARAUACÁ

Aventura. Quando me vejo relembro e comentando os momentos vividos em Oriximiná é impossível não pensar no que foi aventurar-se rios adentro rumo ao que imaginávamos pelo que ouvimos a partir das experiências alheias. Aventurar-se por um interesse ao diverso, ao diferente, ao estranho. Isso, que é próprio da etnografia e que nos move neste anseio, foi exatamente o que motivou minha experiência desta ida a campo, a própria vontade de ampliar meu olhar acerca da diversidade que nos compõe e deste estranhamento que me encanta. Nesta empreitada acompanhava-me com anseios semelhantes, minha recente companheira, já moradora de Oriximiná, Fabrícia.

Chegar em Manaus, prelúdio da minha experiência de campo, já foi me enxergar na terra do “Outro”, e para tanto, já foi ter que me colocar disponível a experimentar a alteridade. O difícil foi conter todas as expectativas visto que era a minha primeira experiência no ofício. O navio de passageiros, o balanço da rede, o encontro do Rio Negro e do Solimões, as 24 horas passadas lentamente na viagem, as músicas, os olhares, tudo compôs a primeira etapa do trabalho. A chegada efetiva em Oriximiná, o reencontro com nossos companheiros da UFF, conhecer os participantes do programa que moravam lá, a organização da cidade, tudo isso já fazia parte da segunda etapa. Neste momento era perceptível a minha ansiedade e a enorme vontade de começar o trabalho nas comunidades. A espera dos dois dias até nossa partida para a comunidade foi uma eternidade visto a vontade de chegar que era imensa.

As conversas e histórias com o barqueiro que nos levava ao Lago Jarauacá amenizou a ansiedade de chegar ao local. Dentre as histórias, ficava evidente o funcionamento da dinâmica social da cidade, operada entre quilombolas, ribeirinhos e indígenas. A tão esperada chegada à comunidade aconteceu acompanhada por uma tempestade e por surpresas inesperadas, como por exemplo, o desconhecimento de nossa chegada, a mesma que foi superada a partir de um bom jantar com farinha e uma longa conversa. Assim como a surpresa dos que nos acomodaram, acabamos chegando de surpresa na escola. Os olhares curiosos iam desde os professores mais antigos até os alunos mais novos, que não cessaram de se aproximar quando tiveram chance.

Os dias passados ali possibilitaram, ainda, perceber pequenas, grandes e significativas diferenças no que tange ao lazer, a forma de administrar o tempo, de “passar” as horas vagas do cotidiano. Ver o surgimento da lua cheia, por trás da mata, logo refletida no lago, num cenário onde apenas sua luz irradiava reinando no céu e na terra: um espetáculo! Mais ainda quando nos permitimos, no chão, admirar esse imenso céu, e, por um instante de contágio, a família que nos acolheu vivia aquele momento conosco. Que embora sempre tenham tido aquele céu, um momento que pareceu único para nós e para eles. Aquilo



que era estranhamento ao passar dos dias e nossa convivência com eles tornou-se acolhimento. O que nos trouxe inúmeras conversas, e, era nestas conversas informais que nos chegavam às histórias mais enriquecedoras. Participar das atividades desenvolvidas, conversar, obter informações sobre o processo de formação da comunidade foi, sem dúvida, uma experiência enriquecedora. Quisera nós passar mais tempo e conhecer mais a fundo as histórias de vida dos que ali se encontram. Os afetos propiciados por esta interação passageira certamente serão permanentes.

Larissa Silva da Conceição e Fabrícia Santos



PARTE 1 - SABERES E FAZERES



CAPÍTULO 1

E.M.E.F. NOSSA SENHORA DE FÁTIMA COMUNIDADE BACABAL

PRODUÇÃO DA FARINHA



*Imagem 1
Casa de Farinha
Comunidade Bacabal*

A comunidade quilombola Bacabal localiza-se na margem esquerda do Alto Trombetas, no município de Oriximiná/PA. Trinta e duas famílias vivem no Bacabal, a população primária foi de escravos fugitivos, algum tempo depois algumas pessoas em busca de terras para trabalhar juntaram-se aos que ali se fixaram. Juntos lutaram pela conquista da titulação das terras , com a formação da associação das comunidades quilombolas, a ARQMO, e com muito esforço e dedicação foi possível legitimarem seu espaço .

Em 1981 foi fundada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, que recebeu esse nome em homenagem à padroeira da comunidade. A escola atende a 18 alunos e a equipe de funcionários conta com uma professora, uma copeira e dois barqueiros que fazem o transporte dos alunos. A problemática da educação na comunidade se dá em torno de questões como a idade/série dos alunos, o abandono das salas de aula e a ausência da família na comunidade escolar.

Apesar de algumas famílias contarem com a ajuda do programa Bolsa Família, a principal atividade econômica da comunidade é a agricultura, sendo cultivado milho, mandioca, melancia e banana. A produção da farinha de mandioca é uma tradição na comunidade e dentre os temas sugeridos pelos alunos do 1º ao 5º ano da escola Nossa Senhora de Fátima esse foi o processo que escolheram para investigar, acompanhados pela professora Orinalda.

Após o tema ser escolhido, partiram para o primeiro momento de sua pesquisa, as entrevistas com os moradores da comunidade em busca de conhecimentos sobre o processo de produção da farinha. Orinalda conta que no começo os comunitários

estavam um pouco envergonhados, mas que dizer-lhes sobre sua importância no trabalho, mostrar que eram a principal fonte de pesquisa dos alunos, fez com que se sentissem mais confortáveis.

Eles contaram que o primeiro passo para a produção da farinha de mandioca é fazer o roçado, derrubá-lo e depois de um mês queimá-lo. Em seguida é preciso fazer o plantio da maniva¹ e após mais ou menos um ano retira-se a mandioca. Com a mandioca em mãos leva-se três dias no processo da farinha. No primeiro dia tira-se uma quantidade de mandioca e a deixa de molho na água. No segundo dia junta-se a parte que esteve de molho com o restante e ambas são servadas juntas. O último dia é o da torração da farinha.

Ao longo do processo alguns materiais são usados. O paneiro² para carregar a mandioca, o rapador para descascá-la, a prensa para espremer a massa e o remo, o rodo e o mexedor para a torração da farinha no forno. Alguns outros produtos são retirados da mandioca durante o processo da farinha: a farinha da tapioca, o tucupi (líquido extraído da mandioca ralada e expremida), a crulira (ou crueira, fragmento mais grosseiro da massa esfarelada da mandioca ralada, extraída logo após secagem no forno), o bago e a farinha de tapioca. Além do beiju que pode ser feito com a massa de mandioca.

Orinalda conta que o principal registro da pesquisa foi feito através de imagens, que os alunos estiveram envolvidos e alegres em participar de alguns dos passos do processo de produção da farinha e que os comunitários os receberam muito bem, gostando da oportunidade de transmitir seus conhecimentos.

“Realizamos o nosso trabalho através de imagens desde o início. Pode-se perceber que as pessoas dessa comunidade são bem humildes, pois fomos bem recebidos e até comemos macaxeira cozida com café. Os alunos gostaram muito e participaram do início ao fim com interesse e dedicação”

Prof. Orinalda

“Não tenha vergonha da sua raça, seja ela qual for, lute para que sua cultura nunca acabe”.

(fragmento de texto dos alunos do 1º ao 5º ano da escola municipal Nossa Senhora de Fátima - Bacabal)

1 Maniva - Peça de caule da Mandioca que é utilizado como semente no plantio.
2 Paneiro - Cesto de palha utilizado como mochila para carregar os produtos da colheita.



Imagem 2
Crianças visitando a casa de farinha
Comunidade Bacabal



Imagem 3
Visita à plantação de mandioca
Comunidade Bacabal



Imagem 4
Crianças descascando a mandioca
Comunidade Bacabal



Imagem 5
Mandioca de molho
Comunidade Bacabal



Imagem 6
Ralando a mandioca
Comunidade Bacabal



Imagem 7
Preparando a farinha
Comunidade Bacabal

CAPÍTULO 2

E.M.E.F. NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO COMUNIDADE LAGO DO MOURA

MANEJO DO BARRO



Imagem 8
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola

A E. M. E. F. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é localizada na Comunidade de Remanescente de Quilombo Lago do Moura, no Alto Rio Trombetas, Município de Oriximiná. A partir do Curso de Formação Continuada de Professores sobre Etnoeducação e Patrimônio, ocorrida no período de 03 a 04 de maio de 2013, os professores participantes, Ormezinda dos Santos Souza, Elielma de Jesus Pires e Creuzarina da Conceição Constantino decidiram participar do projeto.

No primeiro momento, os professores participantes reuniram-se na escola com os demais professores e o coordenador para fazermos o repasse dos objetivos e informações que obtivemos no curso sobre Etnoeducação e Patrimônio. Em seguida escolhemos a turma em que seriam desenvolvidas as ações dos projetos. Levamos em conta alguns critérios como a quantidade de alunos, o tempo que será desenvolvido as ações e a faixa etária de nove a doze anos. E a turma escolhida foi a do 4º ano, da professora Simone Picanço, pelo fato de poderem permanecer mais tempo na escola.

O segundo passo foi propor a execução das atividades para a turma, que imediatamente aceitou a participar do projeto.

No terceiro momento foram propostos os temas: pajelança (os benzedeiros), parteiras, contos e assombrações e manejo do barro que foram para a votação; o tema eleito foi “o manejo do barro”, com objetivo de fazer a reconstituição da cultura local e a valorização da arte da cerâmica como fonte de renda para a comunidade.

Abordamos a importância do manejo do barro no processo da fabricação de cerâmica como patrimônio cultural e fonte imaterial na atividade desenvolvida e, principalmente, a importância que cada um possui na construção do projeto.

A euforia dos alunos era contagiante, e começamos a pensar nas tarefas e ações que iríamos desenvolver durante a

execução do projeto como: pesquisas, entrevistas, gravação de vídeos, oficinas, e outros.

O quarto momento reunimos as turmas e professores que envolvidos no projeto para formularmos as perguntas para a pesquisa, e surgiram várias ideias.

Depois realizamos as entrevistas com os ceramistas, na casa da cerâmica que é localizada na comunidade. Alguns alunos se destacaram e outros ficaram somente observando e copiando. Cita-se abaixo os registros coletados neste momento:

QUESTIONÁRIO DO PROJETO ETNOEDUCAÇÃO O MANEJO DO BARRO

1) NOME E IDADE DOS CERAMISTAS?

R: Maria do Carmo Cole Viana/ 53 anos

Maria Neuza Oliveira Cordeiro/ 47 anos

2) COMO E QUANDO INICIOU O TRABALHO DOS CERAMISTAS?

R: Em 2000 , numa ação estimulada pela Mineradora Rio do Norte, começamos a pesquisa sobre o trabalho com o barro. Somente em 2001 foi dado início ao trabalho com o manuseio do barro e confecção das peças. E as primeiras ceramistas que já tinham experiências e que ajudaram no trabalho, foram a dona Filica, Nazaré e dona Joana

3) QUE TIPOS DE CERÂMICAS SÃO PRODUZIDAS?

R: Panelas, pratos, tigelas, o kundurí (nome dado a um tipo de pote que reproduz o estilo “kunduri” inspirado em peças arqueológicas encontradas na região), a “Deusa” da cerâmica e outros.

4) COMO É REALIZADO O PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS PEÇAS DE CERÂMICAS?

R: É realizado tirando o barro, o caripé ou cariapé, mistura bem e confecciona as peças.

5) ONDE CONSEGUEM O BARRO PARA A PRODUÇÃO DAS CERÂMICAS?

R: Conseguimos aqui mesmo na comunidade.

6) QUAIS OS MATERIAIS UTILIZADOS NA FABRICAÇÃO DA CERÂMICA?

R: Caripé (entrecasca de árvore calcinada), jutaí-cica (ou jutaicica tipo de resina que certas árvores exudam), argila, semente de inajá (um tipo de palmeira), palheta de plástico ou de cuia, urupê (espécie de cogulemo), cauixi (tipo de esponja encontrada em rios que depois de calcinada e triturada é misturada à argila).

7) ESSAS CERÂMICAS SÃO VENDIDAS? COMO?

R: Sim, são vendidas. Geralmente são vendidas por encomenda pela Mineração Rio do Norte, em Oriximiná, na própria loja de cerâmicas, na casa de alguns fabricantes, Santarém, Óbidos, Belém, visitantes de São Paulo, Canadá, Empresa ALCOA, Japão, etc. Ainda não há exportação, só vendas local.

8) EXISTEM PARCERIAS COM ALGUNS ÓRGÃOS? QUAL?

R: Antes existia com o Museu Paraense Emílio Goeldi, hoje com uma empresa de Curitiba (SBPC)e MRN (Mineração Rio do Norte).

9) A PRODUÇÃO DE CERÂMICA É REGISTRADA? E COMO É ORGANIZADA?

R: Não é registrada. É dividida por pessoas que fabricam as peças, outras vão para a Feirinha de PTR (Porto Trombetas) vender, outras se deslocam para outros municípios vizinhos para comercializarem as peças.

10) QUAL A PEÇA MAIS IMPORTANTE JÁ PRODUZIDA?

R: A peça mais vendida é o kundurí.

11) VOCÊS GOSTAM DE FAZER ESSE TRABALHO DE PRODUÇÃO DE CERÂMICA?

R: Sim, gostamos muito, o grupo que está até hoje se doa de coração para realizar esse trabalho.

12) NA SUA OPINIÃO QUAL A IMPORTÂNCIA DESSE TRABALHO PARA A COMUNIDADE?

R: É importante para a valorização da cultura local e, para arrecadar dinheiro para a compra de materiais necessários para a fabricação das peças de cerâmicas.

MOMENTO DA CHEGADA AO LOCAL DA ENTREVISTA (CASA DA CERAMICA)



Imagem 9
Chegada à casa da cerâmica
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



Imagem 10
Chegada à casa da cerâmica
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



Imagem 11
Alunos observando as
peças expostas
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



Imagem 12
Alunos observando as
peças expostas
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



Imagem 13
Ceramista Maria Neuza Cardoso
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



Imagem 14
Aluna Jessica com peça Konduri
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



Imagem 15
Momento das entrevistas
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



Imagem 16
Momento das entrevistas
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



Imagem 17
Foto final - alunos e ceramista
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



Imagem 18
Foto final - alunos e ceramista
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



Imagem 19
Professoras e as Ceramistas
Comunidade Lago do Moura
Acervo da escola



CAPÍTULO 3

E. M. E. F. I. MAPUERA ALDEIA MAPUERA

PLANTAS MEDICINAIS & ARTESANATO



Imagem 20
Aldeia Mapuera
Foto: Johnny Alvarez

Neste ano de 2013 realizamos, na Escola Indígena Wai Wai, dois projetos. O primeiro foi a continuidade da pesquisa sobre as plantas medicinais, iniciado em 2012 pela Prof. Najara, com as turmas do 8º ano do Ensino Fundamental. Aproveitando o sucesso do projeto e o interesse dos alunos, resolvemos ampliar a pesquisa com o 8º ano de 2014, pois eles haviam participado da feira no ano anterior. Em conversas nas aulas, com esta turma, pudemos falar sobre a importância da utilização dessas plantas para o tratamento de doenças simples.

Durante uma semana, no 1º semestre de 2013, os alunos se dividiram em grupos e saíram à procura de mais pessoas que dominassem esse saber.

Como a pesquisa sobre as plantas medicinais já haviam mobilizado a escola no ano anterior, decidimos simplificar os trabalhos e focar em plantas diferentes das que já haviam sido descobertas no ano anterior.

Já com os dados coletados, os alunos confeccionaram cartazes e apresentaram para os outros grupos o resultado de suas pesquisas.

Nas aulas de matemática, aproveitamos para trabalhar conceitos a partir das receitas trazidas: quantidade, frequência das doses, tempo de crescimento, formas de plantio e ambiente onde estas plantas se localizam. Além desses conceitos trabalhados, reforçamos a ideia de que alguns saberes podem desaparecer com os mais velhos, se a nova geração não mostrar interesse em aprender. Além disso, eles entenderam que se utilizamos esses saberes para tratar os casos mais simples, deixamos para o atendimento do posto de saúde, os casos mais graves.

As turmas que realizaram o projeto das plantas em 2012, neste ano realizaram o projeto envolvendo a produção de artesanato tradicional. Com as conversas em sala pude observar que fazer artesanato, entre os jovens, já não é comum. Muitos não conhecem as técnicas, que ficam só com os mais velhos e, aos poucos, vão sendo esquecidas.

Quando recebemos a visita da equipe da UFF, nosso projeto já estava em andamento e as pesquisas já haviam começado.

A ideia de trabalhar com o artesanato teve como objetivo aproximar o jovem indígena dos saberes relacionados à cultura local, propondo um trabalho de pesquisa onde, junto com os mais velhos que ainda praticam e dominam esses saberes,

eles pudessem tomar para si esse aprendizado para utilização no dia a dia da comunidade, auxiliando suas famílias.

Durante as conversas nas aulas foram aparecendo dúvidas com relação às informações sobre a confecção dos artesanatos, principalmente aqueles que são muito utilizados nas tarefas diárias.

As turmas, então, elegeram alguns para delimitar a pesquisa. Cocares, remos, arcos, flechas e cerâmicas foram os artesanatos escolhidos pelos alunos.

Para um melhor aproveitamento da pesquisa, já que os alunos apresentam dificuldades com a formulação de perguntas, preparamos algumas perguntas que nos auxiliariam no desenvolvimento dos conceitos matemáticos envolvidos nessas práticas:

1. Que pessoas ainda fazem estes tipos de artesanato na aldeia?
2. Que materiais são utilizados na confecção?
3. Onde estes materiais podem ser encontrados?

O próximo passo foi dividir a turma em grupos para o desenvolvimento da pesquisa. Cada grupo elegeu um artesão e o artefato produzido por ele.

No início, tiveram muita dificuldade. Percebi que precisava marcar as visitas supervisionadas por mim para uma melhor orientação. Marcamos, então, um dia para o acompanhamento das visitas.

Já com as informações, começamos a registrar em cartazes o resultado de nossa pesquisa, que foram, mais tarde, apresentados para toda a turma, socializando as descobertas de cada grupo.

A partir de uma tabela com informações de quantidade, tipo de material e tipo de artesanato, os alunos puderam entender que a matemática está presente no dia a dia de todos e que é preciso entender para realizar as tarefas mais simples. Aproveitei para trabalhar o sistema de medidas e as quatro operações.

Com a experiência do projeto os alunos puderam valorizar mais a sua cultura. Após as atividades, os alunos puderam vivenciar o aprendizado desses artesanatos e socializar os resultados em uma exposição. As apresentações foram realizadas nas duas línguas praticadas na aldeia: um aluno explicava em wai wai e outro em português, para um melhor entendimento de todos.

Os trabalhos realizados tiveram seus objetivos alcançados, pois os alunos tiveram a percepção de si próprios ao aprenderem sobre seu artesanato, que já está sendo esquecido.

Com relação à pesquisa com as plantas medicinais, pude observar, nas visitas, que alguns alunos já cultivam em suas casas algumas das plantas pesquisadas para uso da família.

Destacamos a ajuda da equipe do projeto "Mais Educação", principalmente com relação à pesquisa do artesanato, tema escolhido por eles, o que reafirma a importância de se preservar esta tradição na aldeia Wai Wai.

Texto coletivo - Prof. Cleber Lima, Rodrigo Duarte e Sonia Maciel

Exposição do Trabalho
Pesquisa na aldeia Moapura pessoas ainda fazem artesanato. Coloque como o modelo abaixo artesanato.

Nome da pessoa que fabrica: Almando
Artesão: Dia

Material utilizado	Quantidade do Material
3 Caca, Ana, Lido	150 Pó 300ml
2 Lido, Ana, Lido	1= Mato
30 Mato, Ana, Lido	7= 8 Mato
1 Machado, Ana	3= 4 Mato
3 Machado, Ana	2= 3 Mato
1 Lido, Ana, Lido, Ana	1= 2 Mato
2 Lido, Ana, Lido	1= 200g
4 Mato, Ana, Machado, Ana	1= Mato
6 Agulha, Lido, Ana	2= 3 Mato

Imagem 21
 Tabela com o resultado da pesquisa
 Foto: Sonia Maciel



Imagem 24
 Alunos aprendendo a trabalhar com o barro
 Foto: Cleber Lima



Imagem 22
 Alunos trabalhando
 Foto: Rodrigo Duarte



Imagem 23
 Aula de Matemática - 9º ano A e B
 Foto: Cleber Lima

Participaram deste projeto

Alunos do 9º Ano A = Abelina Muxu Wai Wai, Alistela Xemesuwa Wai Wai, Alzino Wai Wai, Ceana Enoque Wai Wai, Constança Aixama Wai Wai, Daseane Witará Wai Wai, Dilton Wai Wai de Souza, Doralice Wirikmisu Wai Wai, Edelton Cuusa Wai Wai, Edinelson Wakya Wai Wai, Ehkiane Wereru Wai Wai, Elciane Ekithri Wai Wai, Elcilene Aaso Wai Wai, Elielsa Curumawana Wai Wai, Equison Eymu Wai Wai, Fatima Rodrigues Wai Wai, Flavio Enoque Wai Wai, Henrique Akihini Wai Wai, Iran Kmirere Wai Wai, Ivane Ceykem Wai Wai, Jeanete dos Santos Wai Wai, Leoma Aski Wai Wai, Leuta Muuxu Wai Wai, Liane Porihni dos Santos Wai Wai, Luciane Mihixaka Wai Wai, Noemi Wai Wai, Nora Maari Panaxama Wai Wai e Xaaka Wai Wai. Alunos do 8º Ano A = Adilcilene Tahmo Wai Wai, Adoni Wai Wai, Aldai Yawtu Wai Wai, Aline Souza Wai Wai, Amoroso Arapati Wai Wai, Carlos Wai Wai, Edilson Mateus Wai Wai, Erinilda Kirpaka Wai Wai, Eypi Wai Wai, Faustu Keeni Wai Wai, Gustavo Kupiruw Wai Wai, Idete Ruobinja Wai Wai, Ivaldo Paw Wai Wai, Kanania Arita Wai Wai, Kirici Souza Wai Wai, Leandra Ayana da Silva Wai Wai, Luzinete Xaapa Wai Wai, Nilma Cimimi Wai Wai, Nilto Ewka Wai Wai, Onivaldo Kaykiwi Wai Wai, Orlando Duarte Wai Wai, Paulo Carpegiane Wai Wai, Raydy Wai Wai, Rosildo Awy Wai Wai, Roxiana Xuuru Wai Wai, Rubi Wai Wai, Salete de Souza Rodrigues Wai Wai, Seteyna Paaku Wai Wai, Tatiana Souza Wai Wai, Valdilene Axamia Wai Wai da Silva, Welson Primaw Wai Wai, Wilcilene dos Santos Wai Wai, Xeris Tuhma Wai Wai, Ricardo Kasiro Wai Wai.

Prof. Cleber Renato, Colaboração da Prof. Andreia Basilio, Coordenadora do Mais Educação e monitores.

CAPÍTULO 4

E. M. E. F. I. SANTIDADE ALDEIA SANTIDADE (Warahatxa Yowkuru)

ARTESANATO



Imagem 25- Aldeia Santidade
Foto: Adriana Russi

Resgatando minha cultura tradicional¹

Titxemo pîrehno wosomukatohu tetohoko ahsîrokone owî wetohu

Apresentação

O projeto de etnoeducação e patrimônio “Resgatando minha cultura tradicional” é fruto da necessidade. Nós somos indígenas da aldeia Santidade (rio Cachorro, município de Oriximiná/PA). Nós somos alunos do 8º ano e estudamos aqui mesmo na aldeia, pois nós adoramos. Nós do povo Kaxuyana somos falantes de uma língua do tronco karib – o kaxuyana – e a nossa escola é bilíngue. Nós sabemos falar mais de uma língua.

Na escola de nossa aldeia estamos participando efetivamente do projeto de etnoeducação e patrimônio. Isso trouxe até nós o interesse sobre a importância do resgate da cultura tradicional. Por isso nós relatamos sobre o desenvolvimento da aprendizagem, o que nós já aprendemos na nossa escola. Fortemente nós estamos mantendo a nossa cultura viva e para sempre.

Nossas aulas principais são: aprender a caçar, saber fazer roçado, saber fazer casa, saber fazer canoa, saber usar remédio caseiro, saber fazer artesanato. As jovens mulheres também tem que aprender a fazer comida, fazer rede, fazer bebida, fazer artesanato, saber usar receita da culinária tradicional etc.

Os nomes relacionados abaixo são dos alunos participantes do projeto de 2013, futuros multiplicadores de ensino/aprendizagem da cultura tradicional:

Edna Aniwa, Calixto Asusuke, Gildo Serencioma, Lessiane Imeina, Isaias Poya, Josivan Semu, Renan Txikreme.

¹ A parte inicial deste capítulo foi elaborada por Mauro Makaho (cacique e professor kaxuyana da aldeia Santidade) e pelos alunos do 2º segmento que a traduziram para o kaxuyana.

Ekaretohu

Na titxemi pîrehno wosomukatohu tetohoko ahsîrokone owî, wetohu.

Iro nasi txe weno wetohu yaheirî.

Amna so tono atxato warahatxari youkuru (Santidade) tono me Katxuru kuwawono. Pawisima (Oriximiná/PA) amna nasi 8º tawono tosomukatxemi so'to Nero, amna yatxarme etxirho.

Amna nasi Kaxuyana me otike tumtanemi towitom yakoro (família falante da língua karib) asakî (bilíngue) mîtanono kukne. Emeke mutanono kukne me amna wetxirho.

So'to amna wosomukato kuwamantawî amna niyasî. Titxemi pîrehnowosomukatohu tetohoko, iro amna watamoreh-toto yonehne oktxani. Amna wetohu nahîntomu wetxitpîrî hoko amna wosomukato'me, iroho amna numenureyasî ihokonero amna wosomukatpîrî so'to wosomukano wetoh kuwamawtawî. Poyimra nasi amna tiritxe amna wetohu tonure miyanîtpon no.

Wosomukano wetoh nasi soro tomî: Ewno irenomu, enwo imohop yitohu, enwo kuwama yitohu, enwo kanawa yitohu, enwo ohi yitohu, enwo tikahtoho hoko. Worîtxam hanan no. Enwo awanono yitohu, enwo otweto yitohu, enwo woku yitohu, enwo tikahsom tom yitohu na awanono kuinetohu tuhotxine etc.

Soro nasi tosomukatxentom yosotî soro yinenomu, anayetawî emukaneme tetxentomu tetohkum poko:

Edna Aniwa, Calixto Asusuke, Gildo Serencioma, Lessiane Imeina, Isaias Poya, Josivan Semu, Renan Txikreme.

A escola na aldeia Warahatxa Yowkuru (Santidade) e o projeto desenvolvido em 2013²

Desde 2009, os Kaxuyana, moradores da aldeia Santidade, participam das ações do Programa Educação Patrimonial em Oriximiná. Neste caso temos observado o protagonismo de alguns Kaxuyana que, com o passar dos anos, assumiram o protagonismo das atividades de pesquisa em etnoeducação na escola.

Em 2011 a população da aldeia era de 62 pessoas e o quantitativo de pessoas com menos de 14 anos representava então pouco mais de 59% do total. Atualmente, mais de 50% da população frequenta a escola. Jovens adultos casados com filhos pequenos acompanham as mesmas aulas do 2º segmento não havendo, pois, um horário diferenciado para alunos com idade/série defasados, como muitas vezes ocorre na EJA. A escola de ensino fundamental da aldeia Santidade mantém alunos do 1º e do 2º segmento. Este último funciona na grande casa circular, a casa comunal tradicional denominada tamiriki.

O professor Mauro Makaho e alguns velhos Kaxuyana se envolveram ativamente no projeto de etnoeducação em 2013. Eles juntamente com os alunos do 2º segmento elegeram o tema “artesanato” para o projeto de ensino/aprendizagem. Passaram eles de sujeitos investigados³ a sujeitos conduzindo investigações sobre saberes tradicionais, segundo seus interesses e necessidades. Na aldeia ouvimos, então, jovens afirmando a importância deste aprendizado como imprescindível para que no futuro eles também possam transmitir estes saberes aos seus filhos.

Desde que abriram a aldeia Santidade em 2003 e, talvez muito antes disso, os Kaxuyana vivem um processo complexo de valorização de sua cultura sobre o qual aqui não cabe discorrer. Dessa forma, vejamos como os Kaxuyana tem lançado mão dos projetos de etnoeducação para fortalecerem ainda mais seu intento de valorizar a cultura de seus antepassados. Assim, o espaço escolar entre os Kaxuyana aparece como *locus* para o ensino/aprendizagem não apenas dos conteúdos. Em 2012 acompanhamos o desenrolar dos projetos dos rapazes e moças, respectivamente dedicados à caça/pesca e à pintura

² Esta parte do texto foi elaborada por Adriana Russi (docente da UFF).

³ Referência ao fato dos Kaxuyana terem participado entre 2010 a 2011 da pesquisa sobre o artesanato tradicional conduzida pelo nosso Programa de Extensão.

corporal (RUSSI; ALVAREZ; MACIEL, 2012).

Neste sentido a figura de Mauro Makaho chama atenção. Oficialmente professor do primeiro segmento e responsável pelas aulas da língua e cultura kaxuyana ele tem conduzido de forma coletiva e compartilhada os projetos em etnoeducação e patrimônio. Ele também é o pata yotono da aldeia; ou seja; seu líder (cacique, tuxaua). Desde 2012 Mauro tem participado das oficinas e encontros de nosso Programa para a formação continuada de professores; ou melhor; para a formação de professores/pesquisadores. É durante estes encontros em que discutimos com os professores sua ação como sujeitos autônomos e protagonistas no desenvolvimento, com seus alunos e membros da comunidade, de projetos voltados à pesquisa de saberes locais.

A partir de abordagens metodológicas inspiradas na etnografia, professor e alunos, de comum acordo, elegeram um aspecto da cultura tradicional que desejavam investigar. Foi assim que aconteceu na escola da aldeia Santidade nos anos de 2012 e 2013.

No ano de 2013, Mauro juntamente com alguns velhos como seu pai João do Vale, o respeitado velho Manuel Gertrudes e outros elegeram com a concordância dos alunos do 2o. segmento do ensino fundamental o tema t'ikahsomĩ (artesanato) para o desenvolvimento de um projeto em etnoeducação na escola. O projeto Tikahsomĩ: enwo eto'me enuikato'me anayatawĩ (Artesanato: saber fazer para ensinar no futuro) teve como objetivos: 1. p'irehno wosomukatohu t'ikahsontom hoko (para a pessoa saber fazer artesanato), 2. yonwo eto'me anayatawĩ mirehtxinton yomukato'me wiya (para saber fazer e ensinar meus filhos no futuro).

O projeto foi desenvolvido principalmente durante as férias escolares pelos próprios alunos e o professor Mauro orientou o início do processo e acompanhou as etapas finais. Por fim, os alunos envolvidos no projeto foram duas moças (Edna Aniwa e Lessiane Imaina) e cinco rapazes (Isaias Poya, Josivan Semu, Renan Txikreme, Gildo Serensioma e Calixto Asusuke). Cada um deles escolheu um tipo de artefato que gostaria de aprender. Assim, apenas para ilustrar Edna decidiu aprender a tecer tanga de miçanga com padrão kuhakpa, o mesmo padrão da pintura corporal que fez parte do projeto da escola no ano anterior e Calixto escolheu confeccionar um artefato trançado, o putumu (tipiti). Além disso, cada um elegeu uma pessoa mais velha para conduzir este processo, para ser seu mestre ou, como eles denominaram na escola, seu orientador.

Cada moça ou rapaz traçou um percurso quase individual com seu próprio tempo. Dessa forma a relação de cada mestre/aprendiz foi sendo construída conforme o avanço do aprendizado de cada um. A complexidade de confecção de cada tipo de artefato, o interesse e disponibilidade de mestres e aprendizes também influenciou em cada uma destas experiências. Uns procuraram seus mestres em suas próprias casas onde tiveram suas primeiras lições. Outros os acompanharam na coleta da matéria-prima. Um dos rapazes, Calixto, decidiu filmar a entrevista que fez para aprender a fazer putumu artefato de tala de arumã usado na prensagem da mandioca ralada.

Um dos alunos, Isaias, o mesmo entrevistado por ocasião do inventário do artesanato e que na época era um recém aprendiz na confecção de peneiras, neste projeto decidiu aperfeiçoar este seu saber fazer. Ele também atuou como monitor e reunia na tamiriki os alunos que se encontravam aos sábados para o desenvolvimento do projeto.

Todos eles também produziram textos e desenhos como forma de registro de suas experiências. O texto abaixo, de autoria do aluno Calixto relata um pouco do processo que ele vivenciou ao acompanhar seu mestre (orientador) Gildo no aprendizado do tipiti. Vejamos:

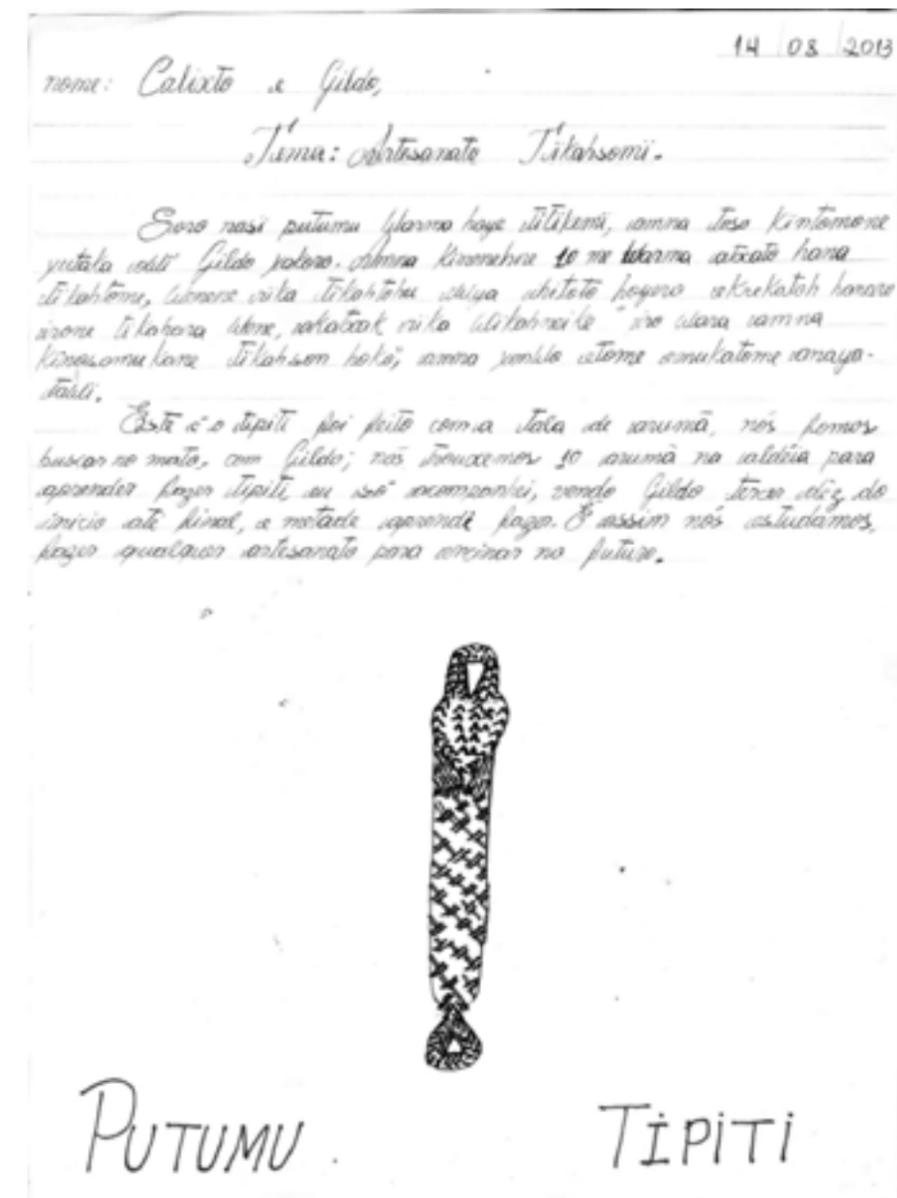


Imagem 26
Texto sobre o aprendizado do
artesanato
Foto: Adriana Russi

Para encerrar este texto, Mauro relatou que os alunos participantes desta pesquisa demonstraram grande interesse pela atividade artesanal. Segundo ele, talvez fora do âmbito escolar este aprendizado se desse de forma mais casual e informal. Durante o projeto eles puderam sistematizar melhor o aprendizado do saber fazer artesanato. No caso dos artefatos (tipiti, abano, peneira etc) são usados sobretudo no cotidiano no processamento da mandioca e produção de alimentos. Os acessórios como tangas, pulseiras e cintos de miçanga são usados nas festas mas também vendidos aos não indígenas, gerando renda aos moradores da aldeia.



Imagem 27
Colheta de matéria prima para
artesanato
Foto: Adriana Russi



Imagem 28
Aprendizado do trançado
Foto: Adriana Russi

CAPÍTULO 5

E. M. E. F. SÃO JOÃO COMUNIDADE VARRE-VENTO (ARACUÃ DO MEIO)

PRODUÇÃO DA CAIÇUMA



Imagem 29
Mandioca
Vera Lucia Lima

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São João está situada à margem esquerda do rio Trombetas, no município de Oriximiná, Estado do Pará, na comunidade formada por remanescentes de quilombos Varre Vento ou Aracuã do Meio. A escola multi-seriada foi fundada em 1991, atende a oito alunos da Educação Infantil, vinte e seis do 1º ao 5º ano e doze alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Funciona com quatro professores, um auxiliar de serviços gerais e um barqueiro, que presta serviço no transporte dos alunos. A escola funciona em dois turnos, pela manhã a Educação Infantil e Fundamental e à noite a Educação de Jovens e Adultos.

Após o curso de formação continuada organizado pelo Programa Educação Patrimonial em Oriximiná, através da Universidade Federal Fluminense em Oriximiná, começamos a pensar em um novo sentido para nossas aulas. Partindo da fala de Dona Ana Maria dos Santos Souza, de 58 anos, aluna do EJA e filha de uma das moradoras mais velhas da comunidade, **“Eu sonho um dia que na minha aula eu possa falar das coisas que meus avós ensinaram a meus pais e que hoje nossa cultura já tá se perdendo, já não se vê mais, temos que valorizar”**, decidimos realizar um trabalho etnográfico de investigação da **“Caiçuma”** no qual pudéssemos fortalecer a identidade de nossa comunidade.

“Caiçuma” é o nome dado a uma bebida feita de mandioca, batata preta, cana de açúcar e folha de curumi e é utilizada em momentos especiais como: festas religiosas, aniversários, casamentos e eventos culturais. Como troca de experiências que envolveram professores e alunos da EJA, barqueiros e funcionários da escola, usamos algumas perguntas norteadoras que provocassem a curiosidade do grupo e dos comunitários que foram entrevistados sobre o processo de produção da **“Caiçuma”**.

No trabalho de campo tivemos uma grande descoberta. A única pessoa que sabe fazer a bebida é a própria Dona Ana. Foram realizadas algumas entrevistas, em especial com dona Ana, que nos contou como é feita a bebida e quando ela é utilizada.

Também observamos que não se aprende só com os conteúdos da sala de aula e através da professora, os alunos e os mais velhos também possuem conhecimentos para nos transmitir.

No segundo momento, após as entrevistas fora da sala de aula, fizemos a socialização das novas descobertas entre todos os alunos. Conhecemos os ingredientes utilizados para a fabricação da “Caçuma”, a mandioca, a batata preta, a cana e a folha de curumi e também como se produz a bebida.

O trabalho nos despertou a vontade de fazer a “Caçuma”. Mais uma vez saímos da sala de aula e, junto com Dona Ana, fomos colher os ingredientes necessários para fazer a bebida. O momento foi muito prazeroso, ela nos ensinou de forma atenciosa e as histórias que nos contou durante a preparação nos fez perceber que não podemos perder nossa identidade cultural, é nossa raiz, é importante para sabermos nossas origens.

Para finalizar nosso trabalho fizemos uma receita com a participação de todos:

RECEITA DE CAIÇUMBA (CAXIRI)

Ingredientes:

Mandioca / Batata preta/ Açúcar /Caldo de Cana/ Folha de Curumi

Modo de Fazer:

Primeiro rala-se a mandioca e deixa descansar de um dia para o outro. No dia seguinte misture bem a massa, e após esse processo coloque em uma prensa para retirar o tucupi deixando ficar bem seca. Em seguida penere e vai fazendo os beijus grossos.

Em outro recipiente, rale a batata preta e junte com o caldo de cana e a folha de Curumi. Quando os beijus ficarem prontos mergulhe no recipiente que já está esperando. Tampe bem e guarde durante 07 sete dias. Adoce a vontade.

Observação: o teor alcoólico aumenta com a passagem dos dias.



Imagem 30
Alunos entrevistando D. Ana
Foto: Vera Lucia Lima



Imagem 31
Receita da Caçuma
Foto: Vera Lucia Lima



Imagem 32
Alunos do EJA e Professores
Foto: Vera Lucia Lima



PARTE 2 - CELEBRAÇÕES E MEMÓRIA



CAPÍTULO 6

E. M. E. I. E. F. N. S. APARECIDA COMUNIDADE BOA VISTA CUMINÃ

FESTA DA RAMADA



Imagem 33
Comunidade Boa Vista Cuminã
Foto: Sávio Gomes

Olhares da UFF

A Escola Nossa senhora da Aparecida está localizada à margem esquerda do Rio Cuminã e pertence à comunidade Boa Vista. Esta foi nossa última parada em nosso trabalho de campo. Chegamos levados mais uma vez por Sandriel, que nos acompanhou gentilmente fazendo nossa locomoção pelas comunidades. Assim que chegamos conhecemos Irene, professora e parceira de nosso projeto, e sua família. Logo em seguida Irene nos levou para dar uma volta pela comunidade que fica toda ao entorno da escola. Fomos passando de casa em casa e a cada conversa percebíamos o acolhimento afetuoso da comunidade por nós.

Aos poucos fomos conversando com a professora Irene e sua irmã Dilena sobre o trabalho a ser realizado. Elas nos contaram estórias diversas sobre a Festa de Ramada (tema escolhido) um festejo que há muitos anos não acontece mais na comunidade, mas ainda é de grande importância na memória das pessoas mais velhas. Segundo Irene, as crianças sentiram vontade de saber mais sobre essa festa que não chegaram participar. Ficamos animados e ansiosos com o que Irene contou, já que no outro dia pela manhã conheceríamos os alunos e os demais funcionários da escola.

Trabalho realizado pelos alunos da comunidade

"No dia 23 de agosto foi realizada a pesquisa de campo com as pessoas mais antigas da comunidade Boa Vista cuminã: O Sr. Aguielo, Sr. Manoel Joaquim Tavares, Dilma Salgado e Dilena Viana Pinheiro.

O encontro na comunidade Monte dos Oliveira, com o Sr. Manoel Oliveira, teve a finalidade de construir coletivamente

— comunidade, professor e alunos— o trabalho com o Tema Festa de Ramada. A entrevista foi realizada pelos alunos de 6 ao 9 ano juntamente com os professores Irene Pinheiro, Professora Rosinei Soares, Alzanete Soares, Marcilene e o barqueiro Mário Roberto de Souza e Sávio, aluno da UFF. Já os alunos da Ed. Infantil ao 5 ano ficaram na escola com os outros professores e com Priscila representante da UFF.

O Resultado da pesquisa é registrar com desenhos, fotografias, entrevistas. Observa-se então que a Educação não se faz somente em sala de aula e sim fora do ambiente escolar. Ela desperta nos alunos a importância do desenvolvimento da educação. Os informantes sentiram-se felizes em nos contar experiências vividas no passado. "

Festa de Ramada

(texto produzido pelos alunos e professora Irene)

Na região do rio Erepecuru e Cuminã no município de Oriximiná, Pará, os negros afrodescendentes realizavam festas religiosas e culturais das imagens de Santa Ana, São Benedito, Santa Luzia, São Tomé e São Lázaro. Segundo o que os informantes falaram as festas aconteciam uma vez por ano com músicas de instrumentos musicais de pau e corda. Na organização da festa tinha mastro (esteios enfeitados com frutas) a ramada (salão de festa). Também tinham a juíza da festa que recebia os alimentos, o mestre sala (pessoa que fazia a fala e orientava a regra da festa dentro da ramada), os mordomos (pessoas que eram devotas das imagens), eram eles que cortavam o mastro e a pessoa que pegasse a bandeirinha do mastro seria responsável pela organização do mastro no próximo ano.

A alimentação da festa era comunitária, café, almoço, jantar com comidas naturais. Quem doava os alimentos eram as famílias. Os moradores saiam de canoa para arrecadar esses alimentos, passavam 40 dias viajando e retornavam próximo do dia da festa.

A Ramada era construída de madeira a cobertura era feita de palha de lebé, chão aterrado a luz de lamparina nos esteios, com brancos compridos ao redor do barracão— um para as mulheres e outro para os homens. Os homens não entravam na ramada embriagados. As mulheres não podiam fazer desfeitas para um homem que a convidasse para dançar, e se caso acontecesse, a moça tinha que dançar 12 partes (músicas) e logo em seguida, a mãe a levava para ir dormir. Assim como as crianças também tinham 12 partes (músicas) e depois disso eram retiradas da ramada pelas mães. O vestuário das mulheres era vestido longo, de chita e bem rodeado. O vestuário dos homens era calça e camisa social.

As manifestações de folias no rio, eram compostas por foliões (homens que balançavam as bandeiras na canoa, tocavam tambores, e as mulheres cantando os hinos de seu santo) ao encostar apresentavam o cordão Auê com cerimônia ao redor da ramada. Logo em seguida entravam na capela para rezar a ladainha. Os mordomos beijavam as fitas do santo, chamando um de cada vez com o toque do tambor. No fim da ladainha dava-se tiro de romqueira.

As danças nessas festividades eram o Lundu, desfeiteiras Valsa e Mazuca. As festas duravam três dias. No seu encerramento eram distribuídos os alimentos com as pessoas. E as bebidas da festa eram caisuma, chá mangarataia (genbrigre) Manicuera, bebida de mandioca.

Informantes: Dilma Salgado, Aguielo, Manoel Oliveira, Manoel Joaquim, Dilena Viana Pinheiro

Olhares da UFF

Quando chegamos à escola primeiramente conversamos com os alunos do 5° ao 9° ano, que iriam sair para fazer entrevistas com os moradores antigos. Eles sentiam dúvidas de como efetuar o trabalho corretamente, tentamos então, de alguma forma, mostrar que eles poderiam fazer essa atividade à maneira que desejassem, por isso preferimos deixá-los um tempo reunidos sozinhos para que conversassem entre eles. Ao término de nossa conversa com os alunos maiores, fomos apresentados às crianças pequenas, que por conta dessa questão não puderam sair da escola para fazer o trabalho de entrevista. Os professores contaram histórias que sabiam sobre a Festa de Ramada para que a partir disso os alunos pudessem produzir desenhos que representassem o que eles mais gostaram sobre aquelas histórias contadas.

Em nosso segundo dia na comunidade Boa Vista Cuminã, tivemos uma reunião da qual participaram comunidade e liderança, todos convidados por Irene para ter uma conversa sobre o projeto Educação Patrimonial em Oriximiná. Com essa oportunidade contamos então um pouco sobre nosso trabalho e nossas principais ideias. A partir de nosso encontro as pessoas puderam expor suas opiniões e contribuir para pensarmos coletivamente sobre temas como: o papel da escola em uma comunidade de remanescentes quilombolas, as contribuições da cultura local para o ambiente escolar e a relação entre comunidade e escola. Sentimos de imediato a importância daquele espaço de conversa para que o trabalho não se tornasse simplesmente uma demanda vinda de fora (por nós da UFF) direcionada à comunidade. Nessa reunião a comunidade juntamente com o líder José demonstraram vontade de continuar a trabalhar com o tema da Festa de Ramada. Algumas propostas também emergiram do encontro, como exemplo a ideia de reproduzir (em proporções menores) uma Festa de Ramada, assim como era feita antes, junto com os alunos a fim de fazer um trabalho prático capaz de integrar comunidade e escola. Assim fomos embora da comunidade Boa Vista com a sensação de que o trabalho terá novos frutos.



Imagem 34
Entrevista com o senhor Manuel Oliveira
Comunidade Monte dos Oliveira
Foto: Sávio Gomes



Imagem 35
Entrevista com o casal Dilma Salgado e Manoel Joaquim Pinheiro. Em destaque alunos e professores.
Comunidade Boa Vista
Foto: Sávio Gomes



Imagem 36
Entrevista com o casal Dilma Salgado e Mesa da capela da comunidade em ocasião de uma missa
Comunidade Boa Vista
Foto: Priscila Dias



Imagem 37
Reunião em sala de aula com alunos e professores para discussão de atividades de campo
Local: Escola da Comunidade Boa Vista (E. M. E. F. Nossa Senhora Aparecida)
Foto: Priscila Dias

CAPÍTULO 7

E. M. E. E. F. SÃO DOMINGOS SÁVIO COMUNIDADE ITAPECURU

CONHECENDO A ESCOLA



Imagem 38
Comunidade do Itapecuru
Foto: Bento Ribeiro

Introdução:

Nosso projeto prima por uma parceria, com as comunidades de Oriximiná-PA, em que evitamos relações fixas e hierárquicas, muito nítidas nos encontros de grupos heterogêneos. Professor e aluno, pesquisador e pesquisado, estrangeiro e local. Tais situações quase sempre levam a experiências esquadrihadas e rígidas, onde uma das partes acaba submetendo sua voz a outra. Nossa intenção é evitar estas tendências monolíticas. Assim procuramos construir com a comunidade os trabalhos que vamos realizar, acreditando na formação de um coletivo transversal e plural. O presente texto reúne em sua construção múltiplas vozes. Buscaremos expor as pesquisas em etnoeducação realizadas nesta comunidade através de nossa inserção na escola São Domingos Sávio. Na primeira parte a narrativa será feita através do olhar dos participantes da UFF¹ que estiveram em agosto de 2013 por 05 dias na comunidade do Itapecurú. Num outro momento do texto teremos a voz dos professores, alunos e moradores da comunidade que ao longo de um trabalho executado pelo professor Bento Ribeiro com as turmas de 4º ao 6º ano. Neste trabalho os alunos ouviram e relataram em textos as histórias dos moradores mais velhos a respeito da fundação da comunidade e da escola de São Domingos Sávio.

Olhares da UFF:

Nossa história na comunidade do lago de Itapecurú e mais especificamente com a Escola São Domingos Sávio tem

1 Johnny Alvarez (Prof. de Psicologia da UFF) e Luísa Côrtes (aluna bolsista de Nutrição da UFF)

início no ano de 2013. Ainda que muitos de nós já tenhamos, em outros momentos do nosso programa, estado por esta região, o que só facilitou nossa chegada. Nossos anfitriões são um casal (Bento e Zeneide) e seus 07 filhos. Bento é professor bolsista do programa Mais Educação. Este programa, com verba federal, propõe atividades no ambiente escolar, fora dos horários de aula. São responsáveis por elas quatro bolsistas (moradores que não precisam ser professores de formação) escolhidos pela comunidade escolar. Estes bolsistas-educadores irão realizar, com turmas misturadas, atividades de esporte, arte e cultura, leitura e horta comunitária. Bento fica responsável pelas atividades culturais e artísticas. Além desta experiência como bolsista-educador Bento e Zeneide participam ativamente das atividades escolares com pais de 05 alunos. Neta de moradores da região, Zeneide, há mais ou menos 06 anos, resolveu retornar com sua família para viver na comunidade de seus antepassados. Este retorno acontece da família ter vivido em muitos lugares, quase sempre próximos aos centros urbanos. Nestes anos conheceu Bento, casaram-se e tiveram sete filhos e um neto. Muitas andanças pela vida e no retorno a vontade de dar uma vida melhor e autônoma para seus filhos. Rapidamente o casal vai ocupando posições de liderança na comunidade. Zeneide como líder das mulheres, movimenta projetos de criação comunitária de galinhas, artesanato entre outras coisas. Bento abandona um trabalho na mineradora do porto de trombetas e retorna para casa buscando a proximidade dos filhos. Logo, este interesse doméstico vai se incorporando um cuidado comunitário. Vão se agregando experiências na Igreja, na associação de pais do colégio de seus filhos, na associação de moradores, e agora como bolsista-educador na Escola São Domingos Sávio. Conhecemos Bento na quinta feira, dia 22 de agosto, horas depois de nossa chegada à comunidade. Estávamos reunidos com Zeneide, sua filha mais nova Vitória (3 anos) e Raimundo Nonato (líder comunitário) quando, no final da tarde chega Bento e seus filhos da escola. O primeiro a chegar é Maycon (8 anos), de longe nos acena correndo para abraçar sua pequena irmã Vitória, brincando e rolando no chão. Mais atrás chega Brenda (9 anos), rosto de sua mãe com um sorriso largo e expressões intensas; com o tempo mostra-se uma atriz das “caiatices”. Marcelo (10 anos) e Adriano (15 anos) chegam depois acompanhados por Estefani (13 anos). Noto a figura de Bento se aproximando: Calça jeans, camisa da escola, sapato e uma bolsa. Sem conhecê-lo diria que ali chegara um autentico professor.

Nestes dias de convivência com esta família e mais profundamente com Bento devido a sua participação na escola construímos nossas atividades do projeto. A percepção de Bento a respeito dos poderes e mais especificamente do poder público, de seus vícios, inoperâncias e insensibilidades diante dos problemas da comunidade e da escola, é bem clara e nítida. Inoperância que não se pauta apenas em falta de idéias ou recursos, mas em uma “cultura” de submissão e individualismo. A percepção de Bento a respeito do papel do professor como educador, e principalmente sua relação aberta e livre com os alunos, resume bem seu descontentamento com esta “cultura”. Bento vem realizando um trabalho criativo e coletivo com seus alunos no programa Mais Educação. Diz-nos que todo o seu trabalho tem como objetivo incluir qualitativamente seus alunos. Se um deles está tendo dificuldades na escola ou com seus pais, Bento se aproxima e propõe atividades culturais voltada para os seus interesses. Programas de rádio, peças de teatro, atividades de palhaço, correio do amor entre outras foram realizadas. Em quase todas são aliadas a ludicidade, participação coletiva numa construção plural do conhecimento. Diz que às vezes é convocado para substituir alguns professores quando estes faltam. Rindo me conta uma ocasião em que substituiu o professor de matemática (seu colega profº Eliseu). Diz que para gerar interesse dos alunos utilizou o “peido” e as “fezes” para trabalhar as operações, porcentagem, fração etc. Rindo as gargalhadas os alunos iam aprendendo matemática e lembrando-se até a experiência de uma “aula de matemática mal cheirosa”. Diz sem ter lido Paulo Freire que através do “peido”, que é algo que todos fazem e conhecem poderia dar aulas inclusive de reforma agrária, de geografia e história.

Sexta-feira pela manhã, bem cedo, é dia de conhecermos a escola. Escutamos alguém acordado no quintal, bomba ligada para encher uma pequena caixa d’água que serve ao banheiro e à pia da cozinha. É Bento que já esta preparando o

café. As crianças não acordam porque hoje é dia de reunião de pais e não haverá aula. Apenas Adriano o mais velho toma café conosco. É ele que nos levará de barco para a escola. Depois de um café com leite e acará cozido (espécie de inhame), rumamos para a escola. Lá somos recebidos por alguns professores. A Profª Santanna, diretora eleita pela comunidade escolar, está retornando, neste dia, à direção depois de uma licença de saúde. Antes da reunião com os pais a professora Santanna nos convida para uma conversa rápida com os outros professores. Profº Eliseu, profª Patrícia....(mais 04) se reúnem entorno da mesa. Explicamos em rápidas palavras nosso projeto. Duas professoras presentes informam que já haviam participado de nossas oficinas na cidade em maio de deste ano. Deixamos nosso folder e um material para uso didático (cartolinas, canetas, cola etc). Pedimos que eles não alterassem sua rotina e nos deixassem acompanhá-los neste dia. Profª Santanna diz que irá nos apresentar na reunião dos pais, abrindo um espaço para nos dirigir a eles. Diversos pais dos alunos, em sua maioria mães, reúnem-se no saguão central da escola. Debatem longamente problemas da escola. Os professores e pais discutem algumas decisões da SEMED e do conselho de educação, referentes à exclusão de uma disciplina obrigatória e sua substituição por outra. Discutem a festa de sete de setembro na escola. No fim a diretora nos apresenta e falamos a respeito de nossos princípios e de nossas intenções, pedindo, principalmente, licença para participarmos desta comunidade por alguns dias. Destacamos os princípios de nossa atividade, que a educação não se resume ao ensino formal da escola, da importância do trabalho coletivo na construção do conhecimento e dos saberes locais neste processo de aprender e ensinar. Os professores Bento e Eliseu reiteram a importância da comunidade pesquisar seus modos usuais de fazer objetos, músicas, festas etc. Da importância da escola ouvir os homens e mulheres que conhecem estes fazeres e saberes tradicionais, trazendo-os para a rotina da escola. Bento exemplifica falando de Seu Dico, morador da fazendinha que todo ano na época do natal realiza a festa do menino Jesus. Bento reitera o quanto esta festa é querida pelos moradores e a importância dos alunos estarem em contato com este festejo, sua preparação, suas histórias e seus modos de fazeres. Construção e execução de instrumentos, hinos, músicas, comidas entre outras atividades que giram em torno de uma festa. Terminada a reunião ficamos conversando com alguns pais que nos convidam para passar mais tarde em suas casas. Passeamos pela escola e conhecemos sua horta comunitária. Ouvimos e vemos como o trabalho do extracurricular da horta comunitária tem sido exitoso. Bem grande e farta a horta já esta servindo para ampliar e diversificar a merenda desta comunidade de conhecimento. Reclamam um pouco do cardápio que a SEMED fornece com ingredientes industrializados e do quanto seria bom se a horta pudesse efetivamente gerir os produtos básicos do cardápio.

Nos próximos dias visitamos, sempre acompanhados de Bento, outros integrantes da comunidade. Dias depois, quando nos despedimos, ficou a idéia, de Bento usar sua inserção no “Mais Educação”, para testar os meios de pesquisa e intervenção da etnoeducação. Ele iria com seus alunos a campo para pesquisar e se inserir nos saberes de sua terra. Combinamos também que se possível estes “mestres da vida” poderiam ir as escolas para contar estas histórias para os alunos, pais e professores.

Entendemos mais um pouco ali que a nossa atividade de Extensão universitária, tem efetivamente nos viabilizado a possibilidade de abertura a outros modos de ensinar e aprender, de preservar e construir um patrimônio Cultural, dos usos e narrativas de memória, enfim da abertura do mundo universitário para outras práticas e construções do conhecimento. E o que vamos constando um pouco é que nossas proposições quando acolhidas pelas comunidades do Pará acabam funcionando também como atividades de extensão nas escolas municipais. Práticas de extensão universitária formando práticas de extensão locais. A etnoeducação enquanto um método de construção coletiva do patrimônio cultural, dos seus usos e meios de fazer, aprender e ensinar, se definem perfeitamente bem como um trabalho extensionista. Extensão universitária e extensão escolar nos municípios de Oriximiná-PA em formação circular e coletiva.

Olhares da comunidade:

Em novembro de 2013 desenvolvemos avaliação com os alunos de 4º ao 6º ano da educação fundamental sobre os objetivos e a importância de projetos em que a escola busque conhecer as origens de alguns aspectos importantes da comunidade. Combinamos pesquisar inicialmente a fundação da comunidade. Deslocamos-nos com alguns alunos até a casa da moradora Dona Maria de Lourdes. Uma das moradores mais antigas da comunidade. Convidamo-la a nos relatar, segundo o seu conhecimento, como surgiu e como veio a se formar uma comunidade no lago de Itapecurú, tendo como sua padroeira Nossa Senhora das Graças? Diz que na década de 50 do século passado, no mês de agosto de 1959, o então padre e vigário deste município, Frei Patrício e a freira Irmã Calístra, trouxeram a imagem de Santo Antônio, padroeira de Oriximiná-PA para esmolação. Em conversa com outros moradores, o frei e irmã, salientaram a importância de fundar uma comunidade e que a paróquia entraria com material e mão de obra para construção de uma capela. Dona Epífanea, moradora do local, doa parte de seu terreno para a construção da capela, onde é erguido um barracão e a cozinha comunitária. Neste mesmo ano começa a construção da capela pelo pedreiro mestre Nilo e outra pedreiro chamado padre Franco. Dona Maria de Lourdes destaca que os antigos tinham costume de festejar o São Sebastião como padroeiro do lago do Itapecurú. Com a capela pronta, faltava o nome do padroeiro para batizar o lugar. Um morador de nome Deonilo Rodrigues, através de uma promessa de que se ficasse curado de uma enfermidade no seu ouvido, traria a imagem de Nossa Senhora das Graças para a comunidade. Quando o senhor Deonilo retornou, curado, trouxe a imagem de Nossa Senhora das Graças. Era dia 16 de julho de 1960, tornando-se assim padroeira da comunidade do lago. A comunidade foi crescendo e se organizando até que no dia 25 de março de 1981 a senhora Cleonice foi procurada pelo seu avó para lecionar na localidade da fazendinha para alfabetizar as crianças daquele local. Com o costume de dar nome ao lugar que se morava, o dono do terreno, onde foi construída a escola, seu Mundaia, denominou seu torrão de São Domingos Sávio, e daí o nome da escola.

Alguns anos depois surge a necessidade da escola mudar de lugar. O motivo era a falta de interesse de alguns pais em manter seus filhos na escola, que era comum na época quando o filho aprendia a escrever seu nome, já estava “desemburrado”, e podia muito bem sair do estudo. Então a escola que já funcionava num barracão improvisado, já não tinha número de alunos suficiente para continuar funcionando. Há o interesse de mudar de local, indo para o centro do lago, onde existia um número maior de crianças. Assim Dona Cleonice resolve mudar a escola para o Lago do Itapecurú, onde ela já morava com seu marido Seu Augusto. Neste mesmo ano ela começa a lecionar no barracão comunitário. Neste espaço era festejada a padroeira e também eram feitas as celebrações aos domingos. Algum tempo depois a professora mudou a escola deste barracão à casinha da comunidade. Até que por reclamação dos moradores que diziam que cozinha não era lugar para dar aulas, dizendo a necessidade de ter um lugar próprio para o ensino das crianças. O prefeito naquele ano, procurado pela professora, nega fazer uma escola, alegando não ter recursos. Então um senhor deu sua casa para que a escola pudesse continuar funcionando. A casa era fechada, com telhas de palha e poderia guardar os materiais escolares. Mas com o crescimento das águas houve uma inundação desta casa e mais uma vez a escola teve que mudar de local. Construiu-se um novo barracão improvisado. Neste ano o presidente da comunidade resolveu comunicar ao prefeito, que já não era o anterior que havia negado uma escola a Dona Cleonice, que manda fazer a escola no lago do Itapecurú. O prefeito Antônio Calderaro manda construir um barracão de piso com paredes de madeiras e coberto com telhas no terreno onde hoje é o grupo escolar. Com o passar dos meses a primeira dama, Dona Graciema resolveu dividir a tarefa da professora com mais duas, a assistente Rosa Maria de Souza e Maria Lucinete dos Santos. E assim elas desenvolveram o trabalho por muitos anos. A professora Cleonice continuou dando aulas até a construção da atual escola pólo. Esta mulher guerreira esteve em atividade até o mês de abril de 2011.

Professores que participaram da reunião na escola São Domingos Sávio:

Prof^o Santanna, Prof^o Eliseu, prof^a Patrícia, Professor-bolsista Bento Ribeiro....(mais 04).

Participantes da UFF no campo:

Johnny Alvarez (Prof^o de Psicologia da UFF) e Luísa Côrtes (aluna bolsista de Nutrição da UFF).

Alunos que participaram da atividade do Prof^o Bento Ribeiro:

Bárbara F. de Almeida, Klaiverton Gomes, Daniel Tavares da Silva, Dyeniffer Santos, Jéssica Canto

Bentes, José Alan Cardoso Costa, Maria de Lourdes, Paulo da Silva Marinho, Raquel Cardoso

Coimbra, wanderson dos Santos Batista, Moisés dos Santos e Priscila..

12/11/13
 Escola mun. São Dom. São Domingos Sávio
 Prof: Bento
 Aluna Bárbara F. de Almeida
 Componente Curricular: + Educação Física
 Série: 2º ano
 O tempo se deu no início da comunidade
 O tempo que a Dona Maria morou
 aqui na comunidade.
 Ela criou um centro de apostolado a
 Senhora Maria entrou como a porta
 da Bandeira.
 Com padre fr. Espatúcio:
 Construiu a capela, espafinhia a ro
 do Judogaro para ideal um pedaço
 de terra para construir a igreja.
 Mestre mila, haco e Antônio
 A chegada do padaria, para a
 comunidade, foi uma a chegada, como
 unício o nome dele era Dulinda Pedreira
 a chegada da imagem da nossa
 Senhora das graças. O de julho foi
 a chegada de 1950 ou 1960.
 Já teve mudanças porque a
 data da festividade, se mudou
 por motivo de água porque no
 tempo que se festividade, está cheio
 a construção do campo pelos os
 homens em muitas partes da

Imagem 41
 Pesquisa realizada
 Foto: Bento Ribeiro



Imagem 39
 Professores da escola
 Foto: Bento Ribeiro



Imagem 40
 Reunião na escola
 Foto: Bento Ribeiro

12/11/2013
 Relatório
 No tempo da Dona Maria
 as terras começaram a virar as
 casas, depois começaram a estar em um
 terreno, mas antes tinha uma rocha
 e começaram a fazer a primeira comuni
 ão.
 Dona Maria entrou no Aposto
 lado como porta Bandeira, depois como
 catequista e como cantora, foi no
 período de (1950 e 1960) e montaram
 um centro de Apostolado, então
 surge a celebração.
 A vida comunitária na
 tem resgatada e vivida uma
 grande diferença hoje e antes.
 Aluna: Klaiverton Gomes !!!

Imagem 42
 Pesquisa realizada
 Foto: Bento Ribeiro



CAPÍTULO 8

E. M. E. F. SÃO FRANCISCO COMUNIDADE ARAÇÁ

HISTÓRIA DOS CASTANHEIROS



A HISTÓRIA DOS CASTANHEIROS

(Texto apresentado como resultado pela escola)

“Nessa pesquisa os alunos entrevistaram o senhor Robervaldo Melo dos Santos, Nilton da Paz Melo e Margarida Souza Almeida, que nos contaram suas histórias como castanheiros. Os informantes nos repassaram que durante o período da colheita da castanha – que se inicia no mês de janeiro e vai até o final do mês de junho – deixam suas famílias e vão em busca da colheita. Porém para chegar até esses locais eles enfrentam grandes dificuldades, como por exemplo, o fato de arrastarem suas canoas por longos caminhos dentro da mata ou passarem pela cachoeiras “à remo”.

Quando os mesmos se cansavam de remar, se segurava nos galhos dos araçazeiros e iam se puxando até conseguir passar das correntezas fortes. Então paravam um pouco para descansar e logo após, continuavam a longo viagem até a chegada no local chamado Cajual. Lá paravam para ir em busca de seu alimento; pescavam, caçavam e passavam a noite. No dia seguinte bem cedo continuavam a viagem até chegar ao local da colheita, onde os mesmos construíam seus barracos cobertos de palhas. Enquanto alguns faziam o barraco, outros saiam a procura de alimentos. No outro dia, os homens saiam rumo ao castanhal para ver onde tinha mais castanha, se o local tivesse bastante os mesmos permaneciam, se não, iam para outro local.

Logo encontravam muitos ouriços¹ em baixo das castanheiras. Com o paneiro² nas costas e sua luminária³ começavam a amontoar todos em um só local. Quando os mesmos viam que já tinham uma boa quantidade dos ouriços para extrair sua castanha, logo começavam a fazer a quebra e carregavam seus paneiros até a canoa. Quando completavam a carga da canoa eles “baixavam” as cachoeiras pelos varadouros⁴, até chegarem ao Paiol dos Porcos. De lá, traziam as castanhas nos paneiros carregando-os nas costas até chegar ao Paiol na comunidade Cachoeira da Pancada, onde os mesmos comercializavam o seu produto. Depois de longos meses, retornavam para as suas famílias. Ao se aproximarem, eles davam tiros para o alto, anunciando a chegada. As famílias, alegres, faziam uma grande festa”

1 Estruturas no formato de coco que envolvem as castanhas.

2 Cesto trançado levado como mochila, com a finalidade de carregar as castanhas extraídas dos ouriços.

3 Aparato formado por múltiplos pedaços de madeira, amarrados em formato de cone, que permite pegar os ouriços do chão através de encaixe.

4 Atalhos por terra que contornam as cachoeiras grandes.

Chegamos na parte da tarde, trazidos de outra comunidade por Sandriel, um dos moradores das proximidades que acabou por ser nosso companheiro de campo e ator fundamental no auxílio de nossa locomoção por aqueles rios. Logo de início, fizemos uma parada na casa de Leuziane (diretora da escola) – onde também se encontrava Edilena (professora) – para um dos tantos “cafezinhos” que tomamos durante toda nossa estadia. É claro que a bebida sempre vinha acompanhada de uma boa conversa e ali pudemos conhecer o tema escolhido pela escola e o desenvolvimento do trabalho até então. A pesquisa seria sobre a História dos Castanheiros, nome dado àqueles que realizavam a atividade de coleta da castanha. Elas nos explicam que a maioria dos moradores mais antigos, tinham a coleta da castanha como sua principal fonte de renda – ainda há castanheiros atualmente, porém não em número tão grande quanto antes – o que acabou por fazer com que essa atividade fosse constituinte não só da economia (que também se baseava na agricultura) como da história local. Assim, o tema da história desses trabalhadores se inseria em um ponto de grande interesse local.

Após essa visita seguimos para a casa de Zulaide (professora) que já havia se oferecido como nossa anfitriã quando ainda estávamos na cidade. Mal nos alocamos e, aproveitando o fim de tarde, partimos em direção a comunidade São Joaquim (na outra margem do rio). Acompanhados por Edilena, caminhamos e conhecemos a comunidade e alguns moradores, muitos deles também professores. Já no cair da noite, tivemos a oportunidade de conversar com Bernardina (Dona Beré) senhora de mais de cem anos de idade, que nos relatou um pouco de suas memórias sobre o trabalho dos castanheiros e a história da comunidade.

No dia seguinte fomos para a escola. Sua localização é afastada das comunidades vizinhas, todos chegam até lá em barcos que realizam o transporte alunos e professores. A Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco está situada no rio Erepecuru, como escola polo atende as comunidades Araça de Fora, Araça de Dentro, Espírito Santo, São João, São Joaquim e Pancada, todas remanescentes de quilombos.

Uma grande reunião com todos, onde as ações da pesquisa seriam definidas, foi marcada para o fim da manhã, o que permitiu que houvesse tempo para realizar, junto aos professores, atividades em sala com os alunos mais novos, que não poderiam participar da pesquisa de campo devido a pouca idade para realizar a ação externa. A atividade proposta foi uma conversa em roda e a confecção coletiva de desenhos sobre elementos relacionados a coleta da castanha. Esta ação se mostrou importante pois incluía estes alunos na pesquisa, afinal, sob a concepção do programa, eram pesquisadores tanto quanto quaisquer outros. Em seguida, a reunião se formou e após algumas decisões ficou acordado que seriam feitas as seguintes atividades: entrevistas com moradores, levantamento e produção de receitas culinárias locais feitas com castanha e encenação teatral do trabalho dos castanheiros, todas elas tendo os alunos como protagonistas em sua organização e registro. Vale ressaltar que essa reunião foi muito interessante pois alguns alunos encontraram neste espaço, uma oportunidade para expressar suas opiniões referentes a pesquisa, colocando-se como interlocutores efetivos das atividades propostas.

Mais um dia se passou e bem cedo estávamos todos nos barcos a caminho dos locais de pesquisa. A primeira parada foi em um trecho de margem que dava acesso a um dos caminhos percorridos pelos castanheiros. Andamos até o local da colheita da castanha, onde Roberval (também conhecido como Bolota) e Nilton, castanheiros experientes, relataram e reproduziram a atividade de coleta da castanha. Além das técnicas e formas de trabalho, eles falam também sobre o grande esforço exigido do castanheiro.

“Eu já carreguei muita castanha [...] 12 km [...] era muito sofrido, nós pegávamos os peixes pra merendar no caminho [...] mas depois as coisas foram mudando, ai nós compramos os animais e melhorou um pouco [...] depois conseguimos comprar o

caminhão, ai nosso transporte agora tá bem melhor.” - Nilton

Após as filmagens e entrevistas, caminhamos até outros pontos próximos e por fim retornamos ao barco. Ficou claro pelo cansaço de grande parte do grupo, que o trajeto percorrido pelos castanheiros é extremamente cansativo, isso porque havíamos percorrido menos de um terço do caminho e ainda sem o peso das castanhas sobre as costas. Além disso foi contatado pelo professores que, apesar de próximos de suas casas, muitos dos alunos não conheciam aqueles locais, o que só aumentou a curiosidade e o interesse pela pesquisa. Após embarcar, seguimos para comunidade da *Pancada* onde todos almoçaram e puderam descansar.

Por fim fomos para a comunidade São Joaquim, onde Margarida – antiga moradora – foi entrevistada. Além de muitas histórias sobre os castanheiros, falou sobre as festas feitas por eles ao retornarem da colheita:

“Todo mundo trabalhava na intenção da festa do mês de agosto, quem fazia a festa eram os castanheiros.” - Margarida

Infelizmente a encenação teatral do trabalho dos castanheiros e a confecção das receitas de castanha não puderam ser feitas por falta de tempo. Mas como toda a atividade do castanheiro seria em vão se o produto de sua coleta não for utilizado – lembrando que este produto é um alimento – segue uma das receitas coletadas pelo grupo de alunas que pesquisaram sobre a culinária local. Para que não só as palavras, mas também o sabor desta história possa ser experimentado.

CASTANHA CRISTALIZADA

(Receita integrante do texto apresentado como resultado pela escola)

Ingredientes

- 5 xícaras grandes de castanhas descascadas, sem películas e torradas
- 2 ½ xícaras grandes de açúcar cristal

Modo de preparo

- Coloque o açúcar na panela.
- Leve ao fogo brando, mexendo sempre, até se tornar líquido e sem queimar
- Despeje uma quantidade de castanha sobre o açúcar líquido e misture bem
- Vá retirando uma a uma, passe imediatamente no açúcar cristal e deixe esfriar
- Repita esta prática com as outras castanhas restantes
- Depois de frio, enrole o cristalizado em um papel
- Transfira o produto para um vidro de boca larga e feche

Participaram das pesquisas de campo, projetos e elaboração dos textos deste capítulo:

Discentes: Adriele Figueiredo Costabile / Amélia Santos da Silva / Austélia Freitas / Cleison Souza dos Santos / Deivison Fonseca Moreira / Dejanira Sena Nonato / Diones Fonseca Moreira / Edjhone Souza Gomes / Eduarda Nascimento / Elizane Freitas de Souza / Ida Marcia Batista do Nascimento / Igor dos Santos Batista

Italice dos Santos Batista / Izanilde Almeida do Nascimento / Josiane Salgado Salgado de Souza / Lessi dos Santos Queiroz / Lorena Souza Almeida / Marcilene Almeida da Silva / Orleana Freitas de Souza / Ozan Oliveira de Melo / Sarah Nascimento / Silas Viana Gomes / Wejailson Sena Nonato – **Docentes:** Ana Luiza Silva dos Santos/ Anglamara Souza Almeida / Claudinei

de Souza dos Anjos / Edilena da Silva Souza / Leuziane de Oliveira Souza / Lorivaldo Souza / Manoel Raimundo Pimentel Corrêa / Maria de Jesus Pinto Seixas / Zulaide Freitas de Souza – Entrevistados: Bernardina Lima de Souza / Lorival Almeida / Margarida Souza Almeida / Nilton da Paz Melo / Roberval Melo dos Santos

Agradecimento aos barqueiros, pais, moradores das comunidades visitadas, funcionários da escola e demais alunos que participaram e contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.



Imagem 44
Alunos
Acervo da escola



Imagem 45
Alunos e Professores
Acervo da escola



Imagem 46
Desenho de aluno
Acervo da escola



Imagem 47
Desenho de aluno
Acervo da escola

CAPÍTULO 9

E. M. E. E. F. SÃO FRANCISCO DO CANINDÉ COMUNIDADE JARAUACÁ

MINHA COMUNIDADE, UM POUCO DE MIM



Imagem 48
Prédio da Educação Infantil
Acervo da escola

O Projeto de ensino “Minha comunidade, um pouco de mim” foi elaborado pelo Professor Josivaldo Salgado de Souza e é coordenado com a colaboração das professoras, Ildilene dos Santos, Gilmara Moraes da Cruz e pelas monitoras do Programa Mais Educação, Leila Souza de Almeida e Adriana Lopes Corrêa dos Santos. Ele é desenvolvido com os alunos do 7º ano, turma F7M901, e organizado da seguinte maneira: os alunos são divididos em cinco grupos, formados por quatro integrantes e um professor-coordenador de pesquisa, cada grupo com um tema específico: Grupo 01- tema: Histórico da Comunidade (vivências, trabalho e geração de renda); Grupo 02- tema: Religiosidade e Festas; Grupo 03- tema: Educação (histórias, contos e lendas); Grupo 04- tema: Saúde (medicina e alimentação); Grupo 05- tema: Esporte e Lazer.

Objetiva-se a reafirmação da identidade local, visto que, por uma carência de documentos e o desconhecimento da nova geração acerca da comunidade, sua fundação e suas tradições, estava sendo difícil estabelecer uma integração das práticas pedagógicas de sala de aula e os costumes locais. Com este intuito, então, utilizando-se de pesquisas de campo realizadas pelos próprios alunos para realização de entrevistas com os comunitários, dentre eles os mais antigos portadores de um conhecimento mais amplo sobre a história da região, se pretende trazer ao conhecimento desses alunos essa história, de maneira a ser construída por suas próprias mãos, fazendo-os participantes ativos deste processo, suscitando interesses diversos.

O projeto escrito supõe um cronograma pré-definido, entretanto, no sucesso de seu desenvolvimento prático os professores sentiram que poderia render mais frutos. Persiste, portanto um intento de estendê-lo para fora da escola, levando aos próprios comunitários seus resultados, reconhecendo a importância das práticas que caracterizam as comunidades quilombola, como por exemplo, a confecção de remédios naturais e a realização do puxirum (termo usado na referência a trabalhos feitos em mutirão), assim como construir um documentário final sobre o percurso do projeto, uma vez que, as entrevistas são acompanhadas de filmagem, feitas pelos próprios alunos.

Após o trabalho de campo realizado destacam-se as seguintes informações dos respectivos temas:

Grupo 01- tema: Histórico da Comunidade (vivências, trabalho e geração de renda):

Descobrimos que a chegada de pessoas a região, o início do povoamento, pode ter ocorrido desde a segunda metade do século XIX. Neste início de povoamento estavam os brancos vindos da região nordeste, em especial do estado do Ceará e, negros fugidos do processo de escravidão. Os brancos vindos do Ceará, também, em sua maioria eram de alguma forma fugitivos por motivos como conflitos e assassinatos. Porém, a organização nomeada de Comunidade data do início dos anos de 1960.

Nos princípios da formação da Comunidade, os moradores escolheram um a ilha para ser o chamado centro comunitário. A primeira construção foi uma capela coberta de palha de ubim e, adotou-se um padroeiro, a imagem de São Francisco de Canindé trazida do Ceará pelo senhor Zé Moura. Após essa organização, o chamado catequista, por influência da igreja católica, se tornava o líder da Comunidade, o encarregado de coordenar as atividades do local. O primeiro catequista foi o senhor Antonio Duarte.

Os trabalhos eram realizados em puxirum, onde os moradores se reuniam de maneira coletiva e voluntária. No puxirum, cada pessoa que ia trabalhar também contribuía com a alimentação que naquela época existia em abundância na natureza. As famílias eram rigorosas quanto a formação dos filhos, por isso todos da família, adultos e crianças, iam para o puxirum e enquanto os adultos trabalhavam ao lado dos outros adultos, as crianças brincavam com as outras crianças.

Quanto ao nome da localidade, ainda não conseguimos uma justificativa para a palavra jarauacá.

Grupo 02- tema: Religiosidade e Festas:

A maioria das famílias possuía uma imagem de uma santidade. Faziam a “esmolação” e festejavam no período próprio em suas próprias casas com a presença dos demais moradores. Nessas festas os frequentadores rezavam ladainha, comiam e bebiam de graça e dançavam à luz das lâmparinas, aos ritmos dos chamados “pau e corda”.

Em meados dos anos 1970, idealizado pelo senhor Maximiliano, a comunidade adotou a chamada festa anual com quinze dias de duração, iniciando sempre no dia quatro de outubro com um Círio fluvial noturno da imagem de São Francisco de Canindé, padroeiro da Comunidade. As festividades encerravam-se com a chamada festa social à luz das lamparinas, regida pelos maestros do “pau e corda”.

A medicina era basicamente espiritual. Havia pessoas que o povo julgava ter uma estreita relação com o Deus Supremo, pois eram capazes de desvendar os mistérios das doenças e encontrar a cura para elas. Dentre eles destacaram-se Mestre Balduino e Chico Melo. Quando as pessoas não podiam ir até eles, eles iam até as pessoas.

Grupo 03- tema: Educação (histórias, contos e lendas):

O processo de educação começa no final da década de 1950 com a professora Luci Moura que lecionava em sua própria casa e era remunerada pelos pais dos alunos com alimentos e outras formas de remuneração. Esse sistema de ensino foi adotado também por mais dois professores, o senhor Maximiliano e a senhora Cirene. Em meados de 1970 iniciou-se o funcionamento de uma escola no centro comunitário tendo como primeiro professor o senhor Antonio Araújo, seguido de vários outros, uma vez que a remuneração era precária e os professores não lecionavam por muito tempo na escola. Mais tarde a escola localizada no centro comunitário recebeu o nome do padroeiro da comunidade e passou a ser chamada de Escola São

Francisco de Canindé.

Para chegar à escola os alunos iam remando em canoas. Cada aluno levava sua própria merenda.

Grupo 04- tema: Saúde (medicina e alimentação):

A alimentação era cem por cento natural, retirada diretamente da natureza como, a caça e o peixe, pois havia em abundância, por isso não se usavam redes de pesca. Elementos como o óleo era extraído diretamente da castanha-do-pará. A farinha de mandioca configurou-se como ingrediente essencial da alimentação local.

As pessoas doentes em estado grave eram levadas ao “curador” e eram tratadas por intervenções espirituais e remédios caseiros feitos com as plantas medicinais locais, cultivadas em casa ou extraídas da mata. As doenças mais comuns eram diarreia, gripe, tosse de guariba e contagem.

As mulheres grávidas eram acompanhadas pelas parteiras que além de acompanharem as grávidas, realizavam os “partos normais”. As parteiras usavam a sabedoria espiritual considerada divina e muitos tipos de óleo para facilitar o nascimento dos bebês. No pós-parto as mulheres eram tratadas com os chamados banhos de sol e banhos de asseio.

Grupo 05- tema: Esporte e Lazer:

Para os adultos as diversões eram os trabalhos conjuntos nos puxiruns, às rodas de conversas ao anoitecer e as festas que ocorriam na comunidade local e nas comunidades vizinhas.

As crianças acompanhavam os pais em diversas atividades cotidianas, mas não participavam ativamente dos trabalhos pesados. Na roça, por exemplo, enquanto os pais extraíam a mandioca os filhos brincavam debaixo das maniveiras. Um dos locais preferidos para brincadeiras eram os igapós onde brincavam de casinha. Faziam também muitas outras brincadeiras como, pular n’água do galho de árvores, brincadeira de roda, caiu no poço e coelho cadê teu filho. Mas o esporte preferido dos meninos era o futebol em campinhos com bola de seringa.





Imagem 49
Entrevista dos alunos do 7º ano (Josivane, Auriana, Nicole, Marcinele, Adriana, Daelson e Heuller) com D. Hilda sobre religiosidade e festas, acompanhados com o Professor Josivaldo
Acervo da escola



Imagem 49
Alunos da Escola Municipal São Francisco de Canindé de volta à suas casas após a escola.
Acervo da escola

CAPÍTULO 10

E. M. E. E. F. SÃO SEBASTIÃO COMUNIDADE TABOCAL

CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL DA ESTRADA DO BEC



Imagem 50
Paisagem na Estrada do Bec
Foto: Sonia Maciel

Atualmente vivemos em uma sociedade em que pouco se dá valor a nossa própria cultura esse que é a principal chave para a valorização de nossa própria identidade.

Uma vez que a valorização da própria cultura é umas das peças fundamentais para a sociedade, observamos que anos e anos nosso povo vem esquecendo sua própria cultura e aderindo culturas de outrem, nossas crenças esquecidas, até mesmo nosso espaço geográfico. Não sabemos como se deu a origem da região onde moramos e não atentamos para esse fato. Elogiamos pessoas de fora que vêm em busca de nossos valores, nossas crenças, cultura, enfim, enquanto nós nos esquecemos de nossa própria cultura, há pessoas que não nasceram em nossa região, mas que buscam o conhecimento e a valorização de nossa cultura, de como deu origem a esse maravilhoso lugar que dizemos conhecer, porém pouco sabemos.

Portanto é necessário, antes de qualquer coisa, que nós enquanto moradores dessa região nos tornemos conhecedores da importância de conhecermos a nossa cultura e que, principalmente, inserirmos em nosso contexto social, repassando de pais para filhos, e também possamos inserir nos currículos da escola a grande importância de realmente conhecermos a origem de nossa região bem como os mitos, lendas, crenças e tradições que percebemos nitidamente que estão sendo esquecidas. Nossa finalidade com este projeto é construir um memorial de como se deu a origem da estrada do BEC, buscando despertar a importância de conhecermos a origem do local e qual o que motivo que levaram a construir a referida estrada.

O caminho percorrido pauta-se á em uma linha qualitativa por um estudo descritivo, procurando com isso verificar a frequência do fenômeno em questão, ou seja, descrever de que maneira deu-se a origem da construção da estrada do BEC e o que levou os migrantes a virem para essa região.

Fez-se uma entrevista estruturada, tendo como público alvo o enfermeiro militar que trabalhou no período da construção da estrada, moradores mais antigos que ainda residem na estrada do BEC os primeiros motoristas que faziam ou ainda fazem linhas no transporte coletivo na referida localidade.

Memorial da estrada do BEC

Entre os anos de 1978 a 1979 deu-se início a construção da estrada do BEC pelo batalhão do oitavo BEC, pelo governo militar que tinha como principal objetivo unir Santarém a Cuiabá, dando continuidade à estrada de Santarém com o termino na perimetral norte. A abertura da estrada se deu por ordem do governo Federal o qual acreditava que seria uma estrada que ajudaria financeiramente o Brasil. Foram então designados, entre civis e militares, 200 pessoas para iniciarem o trabalho da abertura da estrada.

Segundo o enfermeiro militar Dalton que trabalhou na época, “era um local de mata virgem e que durante a construção houve apenas uma morte de um tenente que pegou febre amarela, porém, no local havia muitas castanheiras que já eram exploradas por castanheiros moradores da cidade de Oriximiná e os mesmos conduziam os sacos de castanhas nos lombos de animas; outros que ficavam próximo ao rio culminã eram transportados em um pequeno barco e encontraram também com alguns barracos de caçadores”.

No ano de 1980 o oitavo batalhão entregou a estrada construída até o km 40 ao prefeito regente na época que era o Raimundo José Figueiredo de Oliveira, conhecido com mundinho. O enfermeiro militar Dalton relata também que o governo deu-se por concluída a estrada porque percebeu que era uma estrada cara e sem fins lucrativos para o país. Segundo alguns moradores que ainda residem no local, mas que pouco conhecem a origem da estrada do BEC, acreditam até os dias de hoje, que a construção da referida estrada foi por causa da construção de uma hidrelétrica dizendo que até hoje esse projeto existe e que um dia pode vir a ser realizado, o que eles pensam que, ao ser realizado, o tal projeto trará uma grande melhoria para eles em relação às condições da estrada e luz elétrica.

Há menos de um ano após a estrada ser entregue para a prefeitura surgiram vários migrantes que ocuparam essa região, a maior parte deles era de nordestinos, que vieram atrás de terra para agricultura e até mesmo para terem onde morar, já que eles acreditavam que essa região tinha um solo rico para o plantio. Muitos deles fizeram empréstimos no banco para conseguirem uma condição para sobreviver de suas próprias produções agrícolas. Foi então que surgiram as feiras, quando eles colhiam seus produtos para venderem na cidade, mas os mesmos esbarraram em outro problema: não havia transporte para conduzir seus produtos. três anos mais tarde a estrada ficou em péssimas condições para o tráfego, na época do inverno, devido à chuva e falta de manutenção na estrada, começaram a aparecer grandes atoleiros, poças cheias de lama e o povo dessa região começou a ter grandes dificuldades de chegar à cidade para vender seus produtos. Alguns moradores dizem “que teve época em que levavam três dias para, então, chegar à cidade”. Com o passar dos anos a estrada continuava em péssimas condições. “Hoje a estrada melhorou, em parte, perto do já enfrentamos, não passamos mais que 2 a 3 horas para chegar na cidade”, diz morador A.

Muitos dos moradores que residiam nessa localidade venderam suas terras para grandes fazendeiros para procurar melhoria na cidade, outros voltaram para seu lugar de origem e muitos adentraram a estrada. Deu-se, então, origem aos ramais, porém observamos que na beira da estrada estão localizados os grandes fazendeiros de Oriximiná.

Olhares da UFF

Este projeto foi idealizado pelos professores Luciane Duarte, Roseane Gato e Jozias de Oliveira, com a participação dos alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião, da comunidade do Tabocal, na Estrada do BEC.

Apesar da equipe do Programa não conseguir visitar a escola para acompanhar o desenrolar do projeto, os professo-

res, a partir do encontro realizado pela equipe no início do ano, acreditaram e deram continuidade às atividades planejadas.

Acreditamos que a prática de uma educação com autonomia e protagonismo se desenvolve a partir de um olhar sensível para temáticas que trazem algum significado para a comunidade e que possam ser articuladas a partir da sala de aula para, então, se estender a todos os sujeitos envolvidos nesse processo.



Imagem 51
Alunos e Professores
Acervo da escola



Imagem 52
Alunos e Professores
Acervo da escola

PRA CONTINUAR...

O trabalho descrito neste livro resultou de intensa interação entre os sujeitos envolvidos nos projetos das escolas: alunos e professores da UFF, alunos, professores e membros das comunidades de Oriximiná, profissionais da SEMED e muitos outros parceiros. A formação continuada de etnoeducadores se constrói buscando caminhos que atinjam os princípios de participação e autonomia. As histórias aqui apresentadas se inserem neste processo de construção e, portanto, não se esgotam, continuando a serem contadas.

Essa experiência de troca permite a todos os envolvidos um cultivo de espaços de ensino e aprendizagem. Ao considerarmos os saberes locais como potência na prática etnoeducativa superamos a visão de que são apenas aspectos ilustrativos de práticas cotidianas. Neste sentido, os saberes locais, patrimônio culturais das diversas comunidades que compõem este volume dos Cadernos, se revelam como detonadores de processos cognitivos e afetivos coletivos que suscitam interessantes visões de suas práticas comuns e de grupo. As trocas de saberes e experiências têm nos permitido trilhar caminhos que escapam das amarras do discurso hegemonicamente acadêmico.

Nós, docentes e discentes universitários, assim como professores e alunos das escolas envolvidas, que participam ou participaram deste programa, temos sido afetados profundamente por esta experiência. Esse contágio salutar que perpassa a extensão universitária tem se sustentado em fortes alianças, construídas e consolidadas numa prática continuada que se faz desde 2008.

Assim, é com alegria que compartilhamos este volume dos Cadernos ao mesmo tempo em que damos prosseguimento à estas experiências no ano de 2014. Viabilizado pelo financiamento do PROEXT/MEC/SESu na categoria Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, o Programa se consolida em seu sétimo ano de execução.

Ficamos na expectativa de novos desafios com esse horizonte oriximinaense que se descortina a cada dia.

Por isso, essa conversa continua num outro momento!

Equipe do Programa Educação Patrimonial em Oriximiná

